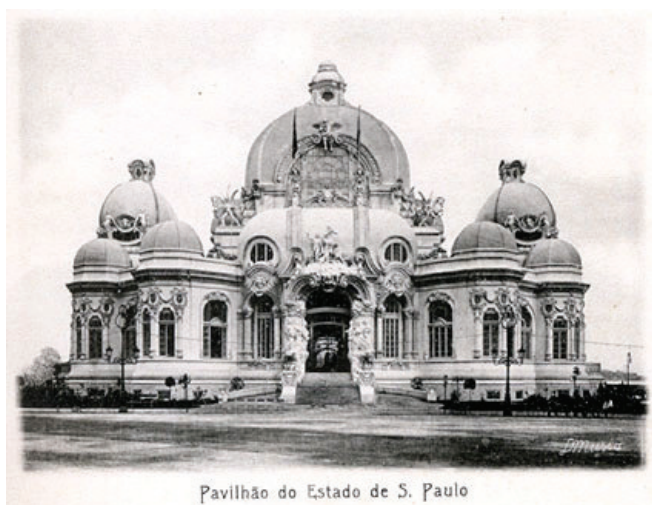


Boletim da Sociedade
Nº 60
Órgão Informativo da
Sociedade
Numismática Brasileira



2º Semestre - 2007

Sociedade Numismática Brasileira

Fundada em 1924

Cláudio Marcos Angelini

Presidente

Walter de Arruda Menezes

Vice-Presidente

José Alberto Borges da Cruz

Diretor Financeiro

José Serrano Neto

Diretor Administrativo

Cristiano de Lima Bierrenbach

Diretor Técnico

Alfredo O. Gustavo Gallas

Diretor de Divulgação

Gilberto Fernando Tenor

Diretor Curador

Edição: Gilberto Fernando Tenor

Editoração eletrônica e impressão: New Impress Gráfica e Editora

Tiragem: 1.000 exemplares.

Responsável: Pedro Zan - Reg. MTB nº 10.891

Colaboradores: Idenyldo Silva, Maricé Martins Magalhães, Paulo Sérgio Mendes, Ricardo Della Rosa, Douglas Aguiar Junior, Armando Luis Cavazana, Jairo Luiz Corso, Reynaldo Mobaid, Marco Túlio F. Baptista, David Levy e Cláudio Amato.

Capas: Bonde da cidade de Fortaleza e vale fiduciário. Vales fiduciários de companhias de bondes do Império.

Foto capa: “The Tramways of Brazil” - Allan Morrison

Página de apresentação: Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, 1908.

- O teor das matérias publicadas neste boletim é de inteira responsabilidade de seus autores;
- As matérias enviadas para publicação neste órgão deverão ser de caráter numismático e encaminhadas em arquivo **.doc** (*Word for Windows*), sem formatação, com imagens em cópia fotográfica ou arquivo digital em alta definição;
- Para reprodução dos artigos publicados é necessária a autorização do autor e citação da fonte.



Palavras do Presidente

Prezados Numismatas

Ao final do primeiro ano da gestão 2007/2008, podemos informar com muito orgulho, que a Sociedade Numismática Brasileira caminha para o futuro de forma rápida e segura. Com o compromisso de proporcionar aos associados maior conforto, segurança e oportunidades de compra e venda de peças de coleção, realizamos algumas ações que repercutiram favoravelmente para o desenvolvimento da numismática no Brasil.

Para esclarecimento, dividimos nossas ações em 4 áreas distintas: Estrutural, Social, Financeiro e Institucional.

Em 2007 na área Estrutural, prosseguimos com a modernização da sede da SNB, adquirindo novos equipamentos de informática, colocação de elegantes placas de vidro na secretaria, no Auditório “José Benedito de Moura” e na Biblioteca “Armando de Salles Oliveira”. Foi instalado sistema de monitoramento integrado 24h, com câmeras de acesso em tempo real para todos os membros da Diretoria e implantamos o sistema de consulta de livros na biblioteca, via site.

Na área Social, realizamos três Encontros Especiais, um Encontro Extra na sede da SNB e o já consagrado Congresso Latino-Americano. Destaca-se o fato de realizarmos os Encontros Especiais e o Congresso em hotel de padrão internacional, o que permitiu maior interação entre associados e comerciantes.

Na área Financeira, reduzimos consideravelmente a inadimplência de associados e ampliamos os recursos em caixa, com lançamento de produtos, equilibrando de forma bastante consistente as finanças da SNB. Vale lembrar que os Encontros Especiais realizados fora da sede da SNB refletiram no bom desempenho financeiro do período.

Finalmente na área Institucional, ampliamos nosso relacionamento com instituições nacionais e internacionais, apoiamos de forma irrestrita o Museu Paulista na recuperação de peças furtadas de seu acervo, lançamos as Barras Comemorativas aos 75 anos da Revolução Constitucionalista de 1932 e atuamos diretamente em quatro instituições de ensino superior, além de reestruturamos completamente o site da SNB, transformando-o numa moderna e poderosa “ferramenta” de comunicação.

Além disso, os Boletins continuaram com a mesma qualidade gráfica com artigos bastante consistentes o que permitiu a muitos associados o acesso a informações muito interessantes.

Sem dúvida, 2007 foi um ano marcado por grandes avanços, o que nos remete a um novo desafio: superar as ações implementadas, garantindo aos associados o cumprimento de nossa Missão.

Cordialmente

Cláudio Marcos Angelini

Presidente



Sumário

Palavras do Presidente	3
As moedas de Neapolis na coleção do MHN	5
Primeiros Passos na Numismática da Índia antiga e medieval	29
Colecionando Ordens e Medalhas Militares do Brasil	37
A Semente do Carvalho	46
Como são cunhadas as moedas atuais?	50
Uma breve história de Danzig	56
Moedas de Unidades Militares	61
Moedas do Império Mughal na Índia	64
Barras de Prata e Moedas com Carimbos Particulares - 1949/1956	75
Cédula “Fora de Série” com carta “Fora de Série”	87
V Congresso Latino-Americano de Numismática	89
Loja SNB	90
Notas Informativas	91
Anúncios	97

As moedas de Neapolis na coleção do MHN: iconografia e epigrafia monetária.

Maricé M. Magalhães

I – A coleção ¹

A coleção numismática do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (doravante dito simplesmente MHN) foi iniciada na Biblioteca Nacional em 1880, por obra do seu diretor, o erudito Ramiz Galvão, e somente depois, em 1922, foi transferida ao Museu ². Entre os vários legados que a constituíram paulatinamente, de excepcional relevância é o do Comendador António Pedro de Andrade, que engloba a chamada *Coleção de Antiguidade Greco-Romana*, composta de aproximadamente 9.000 exemplares, dos quais pelo menos 1.500 são moedas itálicas, italiotas, siciliotas e gregas.

Embora as peças já tenham sido minuciosamente fichadas na época de sua entrada na coleção, somente agora, desde o ano de 2005, de um lado a partir de um trabalho de inventário geral executado pela equipe do Departamento de Numismática do MHN ³, e por outro através da iniciativa de quem escreve, para um primeiro projeto de catalogação de todo o material numismático itálico, italiota, siciliota e grego existente no Medalheiro, e até hoje inédito ⁴, pudemos empreender uma pesquisa mais aprofundada sobre este material; temos como objetivo oferecer, seja ao público em geral, seja

¹ Este trabalho foi desenvolvido sob a orientação da Profª Renata Cantilena, titular de Numismática no Departamento de Bens Culturais da *Università degli Studi di Salerno*, à qual agradeço pela extraordinária disponibilidade e pelos preciosos conselhos. Sou também grata ao Prof. Mario Russo (*Museo Correale di Terranova*, Sorrento), o qual me permitiu usufruir de vários volumes da sua biblioteca privada durante a pesquisa. Agradeço ainda à Diretora do Museu Histórico Nacional, Profª Vera Lúcia Bottrel Tostes, à responsável pelo Departamento de Numismática, Srª Eliane Rose Vaz Cabral Nery, e à supervisora Drª Ângela Cardoso Guedes, que me acolheram no MHN, e consentiram a publicação do material pertencente ao acervo. Enfim, devo à gentileza da Srª Maria Regina Duarte, chefe de gabinete da Casa da Moeda do Brasil e ao seu fotógrafo, Sr. Enéas di Loreto, as esplêndidas fotografias aqui apresentadas.

² As informações foram transmitidas pela minha supervisora no Departamento, Ms. Rejane Maria Lobo Vieira, à qual agradeço imensamente.

³ Uma listagem preliminar, baseada num trabalho de classificação para o projeto *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* (coordenado no Brasil pela Profª Haiganuch Sarian da Universidade de São Paulo), foi realizado em 1975 pela Ms. Rejane Maria Lobo Vieira, do Departamento de Numismática do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro.

⁴ Este último realizado pela Profª Maricé Martins Magalhães, com o decisivo patrocínio da FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, e que culminará na confecção de um catálogo em 2007, intitulado *Moedas Itálicas, Italiotas, Siciliotas e Gregas do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro*.

aos estudiosos de Numismática, as primeiras notícias sobre as moedas desta valiosa coleção.

Assim sendo, esta primeira nota diz respeito a um grupo de moedas muito interessantes sob o ponto de vista histórico e iconográfico, cunhadas na Itália (região Campânia), na cidade de *Neapolis*, e que dentro da atual classificação são consideradas do tipo ‘italiota’, ou seja, confeccionadas por gregos colonizadores e residentes na Península Itálica.

II – *Neapolis*: história e iconografia dos tipos

Como se trata de um trabalho exclusivamente expositivo, creio que não seja necessário repetir todos os acontecimentos sobre a história e a amoeção em *Neapolis* no período cronológico envolvido nesta pesquisa, já exaustivamente estudado e publicado por numerosos estudiosos, alguns dos quais aqui citados na bibliografia ⁵. Da mesma maneira, não seria oportuno relatar detalhadamente a conhecida discussão sobre a iconografia destas moedas, a qual já foi suficientemente enriquecida nos últimos tempos ⁶.

No entanto, algumas poucas observações devem ser feitas, sobre a cidade que surgiu primeiramente entre a metade do VII e a metade do VI séc. a.C. como colônia grega da vizinha *Cumae* (segundo a tradição, também fundação de *Rhodos*), chamada justamente *Parthenope*, a *palaepolis* (‘cidade antiga’) onde teria sido sepultada a sereia homônima. Somente muitos anos depois, no segundo quartel do V séc. a.C., num sítio um pouco mais distante, foi re-fundada (sempre por obra de cumanos, mas desta vez com o decisivo apoio de *Syracusae*) a *Neapolis* (ou ‘cidade nova’) que nos interessa por suas emissões monetárias; acrescente-se que as suas mais antigas amoeções confirmam esta fundação, pois recordam claramente a influência seja cumana, seja siracusana. E esta combinação foi aquela que se consagrou e que permaneceu, mesmo quando a cidade caiu em mãos dos Samnitas, a partir de 321 a.C.

Para chegarmos ao tipo de A/ é melhor analisar primeiro o tipo de R/, o famoso touro ‘androprosopo’, ou seja, o touro com o rosto de um homem barbado. Na verdade, é sabido que as divindades fluviais dos gregos são representadas iconograficamente como touros com

chifres projetados para frente (*infesta*), já conhecidos no mundo italiota e siciliota, respectivamente em *Laos*, *Metapontum*, *Katane* e *Gelas*. No caso específico de *Neapolis*, inicialmente pensou-se em atribuir esta iconografia a uma divindade masculina barbada cultuada localmente, como *Dionysos Hebon* ou *Zeus Zagreus*, mas estes cultos foram pouco difundidos e de exíguo significado antes da época helenística e romana, e as nossas moedas são bem anteriores a eles ⁷. Creio que o aparecimento de um único exemplar de *obolos* de *Neapolis* com o deus tauriforme, e onde se lê claramente no A/ a legenda com nome de um rio que escorria nos arredores da cidade (*ΣΕΠΕΙΘΟΣ*, *Sepeithos*) ⁸, foi a chave para o reconhecimento, entre a maior parte dos estudiosos, de que a iconografia do tipo de R/ da prata napolitana correspondia evidentemente a uma transposição do deus-rio *Acheloos* (a maior divindade fluvial do mundo grego) ⁹ para o mundo italiota, e cujo culto foi estabelecido em suas colônias, na chamada Magna Grécia.

Com relação à ‘cabeça feminina’ figurada no A/ das nossas moedas napolitanas: várias são as fontes literárias que atribuem a este deus-rio *Acheloos*, do qual falamos, a paternidade sobre as sereias, entre as quais *Parthenope* (como já visto antes, sereia que deu seu nome à antiga *Neapolis*). Narra a tradição, sempre literária, que esta sereia e suas irmãs teriam nascido das gotas de sangue do pai *Acheloos*, durante a luta deste contra *Herakles* (*Hercules*), que lhe quebrou um dos chifres. O santuário original de *Parthenope* era localizado do outro lado do Golfo de *Neapolis*, na Península Sorrentina, perto de onde estão as ilhotas chamadas justamente *Seirenoussae* (Ilhas das Sereias); e esta sereia, por não ter conseguido enfeitiçar *Odysseus* (*Ulysses*) com seu canto enquanto ele passava por lá, durante a sua peregrinação de retorno ao lar ¹⁰, suicidou-se, tendo sido o seu corpo transportado pelas correntes marinhas até o lido da *palaepolis* napolitana. Assim, ali era localizado

⁵ Para isso reenvio, e.g., a STAZIO 1978, pp. 115-193; a RUTTER 1979, pp. 42-59; ao volume *Neapolis* 1985, com contribuições de vários especialistas sobre o assunto; v. também FREDERIKSEN 1986, pp. 3-22; MARCHETTI 1986, pp. 443-478; POZZI 1986, pp. 91-100; ZEVI 1986, pp. 51-65; CANTILENA 1988, pp. 43-91.

⁶ *Vedi*, e.g., RUTTER 1979, pp. 42-45, com ampla bibliografia sobre o assunto, muito elucidativo sobre a mitologia e sobre a iconografia dos tipos. Concordam substancialmente com ele CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986, pp. 116-119; v. ainda CANTILENA 1988, pp. 43-91, especialmente nas pp. 46-47 e 67. V. enfim RUTTER 1997, pp. 63-65, ID. 2001, pp. 68-71 (HN, seção *Neapolis*).

⁷ RUTTER 1979, pp. 42-43.

⁸ O exemplar foi publicado com foto em RUTTER 2001, n. 558.

⁹ Proveniente da região entre a *Aetolia* e a *Acamania*.

¹⁰ Também ligado à passagem de *Ulysses* pela costa tirrênica, durante o seu retorno da Guerra de Tróia com os Argonautas, é o topônimo *Cabo* ou *Ponta Licosa*, que fecha o Golfo de *Poseidonia* um pouco mais a sul, claramente também ligado à outra sereia, *Leucosia*.

o seu sepulcro e um templo erigido em sua honra ¹¹; também jogos eram realizados anualmente para homenageá-la desde o V séc. a.C., justamente a época em que os napolitanos começaram a cunhar moedas. Certo é que o perfil que vemos no A/ das nossas moedas se inspiram muito no das Ninfas, tipo que fez muito sucesso a partir deste período (V séc. a.C.), quando começaram a aparecer os tipos ‘ninfa’ (e sempre divindades femininas epônimas) como *Arethusa* (em *Syracusae*), *Kyme* (em *Cumae*), *Terina* (em *Terina*) e *Hyele* (em *Velia*) ¹², e pessoalmente não excluiria mesmo que a ‘cabeça feminina’ de perfil que aparece nas moedas de *Tarentum* fosse uma clara representação da ninfa *Satyra* (também ela mãe do herói epônimo *Taras*) ¹³.

Assim sendo, na descrição de cada exemplar em prata, entenda-se que a ‘cabeça feminina’ do A/ é identificada com a figuração da sereia *Parthenope*, e o ‘Touro androprosopo’ do R/ seria interpretado como a personificação do seu pai, o deus fluvial *Acheloos*, numa clara evidência da união de arte, mito, religião e história em *Neapolis*.

Enfim, sobre a *Nike* alada que aparece coroando o touro no R/. A primeira aparição de *Nike* é numa moeda de *Olympia* datada a 510 a.C., celebrando uma vitória em jogos, e a mesma vai ser representada posteriormente em numerosas cidades da Sicília, sempre com este significado. E esta parece ser, mais uma vez, uma inspiração siciliana no contexto da amodação partenopéia. Já na moeda de fundação de *Neapolis*, a própria sereia *Parthenope* aparece coroada de folhas de oliveira, e a extensão da coroação ao seu pai, o deus tauriforme *Acheloos*, parece ser uma óbvia alusão às vitórias nos jogos anuais que se realizavam em sua honra ¹⁴.

Uma última observação diz respeito aos bronzes: atualmente não existem dúvidas entre os estudiosos, em afirmar que a iconografia dos tipos que aparecem no A/ das moedas fracionárias em bronze (no nosso caso, aqui, especificamente *Apollon* e *Artemis*) são uma clara referência aos cultos e templos dedicados a estas divindades gêmeas, muito populares na cidade de *Neapolis*.

¹¹ RUTTER 1979, pp. 44-45; CANTILENA 1988, pp. 46-47. O culto das sereias é testemunhado ao longo da costa tirrênia, desde a Sicília. Este culto pode ter sido introduzido pelo ródios, mas também ter entrado na Península Itálica através de *Metapontum*, e proveniente da *Aetolia*.

¹² CANTILENA 1988, p. 47 e *passim*.; um panorama de todas estas *Nymphae* nos dá RUTTER 1997, p. 59 (*Hyele*), p. 61 (*Terina*), p. 63 (*Kyme*) e p. 145 (*Arethusa*).

¹⁴ Da mesma opinião parece ser RUTTER 1997, p. 54 (... *We may if we wish call her ‘Satyra’* ...).

¹⁵ RUTTER 1979, p. 45; CANTILENA 1988, p. 47.

III – Catálogo e observações de Epigrafia Monetária

A ordem cronológica na qual as moedas são apresentadas aqui, segue os mesmos critérios estabelecidos nos exaustivos trabalhos publicados anteriormente por Cantilena-Giove-Rubino ¹ para os *didrachma* de prata (aqui indicados entre parêntesis como *Período da prata I*, fases *A* ou *B* e *Período II*), e Taliercio ² para os bronzes (*Períodos do bronze I a IV*); muito freqüentemente reenvio aos seus *Quadros* de cronologia relativa, dado que é impossível reproduzi-los todos aqui, na íntegra.

Posso antecipar que, de todo o material em prata, foi possível identificar com muita clareza, em 9 dos nossos 12 casos ³, as séries nn. 4 (ou 8-10 ou 18), 33, 40, 41, 42, 47, 64, 82 (ou 83) e 85, incluso um cruzamento de cunhos ⁴, e com isso estabelecer uma cronologia mais pontual sobre os exemplares; este reconhecimento baseou-se, além dos tipos, no estudo detalhado dos chamados ‘elementos complementares’ como os símbolos e as letras iniciais abreviadas do A/, unidas ainda à análise das letras iniciais abreviadas, dos símbolos, siglas e monogramas do R/. Com relação aos outros exemplares sem série distinta, não deixei de oferecer uma cronologia ‘aproximada’, pois outros dados como, e.g., o lado dos tipos, me consentiram classificá-las *grosso modo* por períodos, separadamente. Os bronzes também não apresentaram grandes dificuldades particulares, e da mesma maneira foram colocados dentro dos respectivos períodos cronológicos, às vezes até divididos dentro de várias fases de um mesmo período (e.g., no *Período do Bronze IV*, foi possível identificar as fases ‘A’ e ‘C’, e assim por diante).

O material numismático apresentado se conserva na *Exposição Permanente* do MHN (fichas nn. 3 e 7) e no Medalheiro (as outras).

Prata

1 – Didracma

AR; mm. 17,3 min., 19,2 max.; gr. 7,31

A/ Cabeça feminina à dir., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita, e usando pequenos brincos; atrás da nuca, um cacho de uvas.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo, bem desgastado; por isso, não aparece visível nenhuma letra ou monograma. A legenda é quase completamente consumida, mal se distingue [- - -]O[- - -], no início. Não centrado.

Aprox. 326-317/310 até 300 a.C. (*prata I-A*)

Inédita. Inv. n. 1924.1156.5



O único elemento de datação relativa é o símbolo *cacho de uva* que aparece nas séries nn. 2-19 de CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986). No entanto, não temos no nosso exemplar nem o nome (do magistrado?) Διοφανου", nem o étnico no A/, que aparecem num grande número de séries, e assim restringem bastante a nossa pesquisa; por isso restam como confronto somente as séries nn. 4, 8-10 e 18, então período I, Fase A.

2 – Didracma

AR, mas forrada; mm. 18,5 min., 19,9 max.; gr. 5,69

A/ Cabeça feminina à dir., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita, usando longos brincos e colar; atrás da nuca, *kantharos*; abaixo, as letras ΔΙ.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; entre as pernas, um delfim, para baixo e à dir.; na frente das patas, as letras LO; um outro pequeno *ômicron* aparece na frente da protome. O exergo, perolado, traz a legenda "NEΩΠΟΛΙΤΗΣ.

Aprox. 317-310/300 a.C. (*prata I-A*)

Inédita. Inv. n. 1924.1156.9



Apesar de ser forrada, com peso inferior, esta é uma das moedas com a superfície mais bem conservada da nossa coleção napolitana (mesmo que mutilada na borda), e também uma das mais facilmente datáveis: pelos dados completos como o símbolo *kantharos* e as iniciais DI no A/, e no R/ o outro símbolo, o *delfim* (o qual substitui aqui um nome ou monograma) e ainda as letras LO e a legenda terminada em -THS (mais antiga). É seguramente uma dos mais belos exemplares do nosso pequeno mostruário, e comparável com a série n. 33 individuada por CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986. O único problema é o símbolo, que deveria ser a *águia com coroa*... Assim, podemos pensar que se trate de um cruzamento do cunho do R/ desta série mais antiga n. 33, com o A/ das séries nn. 40-41, feitas posteriormente. Esta reutilização de velhos cunhos do R/ para a confecção de moedas tendo de novo somente o A/, é um fenômeno muito atestado nas moedas de *Neapolis*, e visto que são quase sempre as mesmas oficinas a cunhá-las.

3 – Didracma

AR; mm. 17,6 min., 18,6 max.; gr. 7,34.

A/ Cabeça feminina à dir., com tendo os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita, usando longos brincos e colar; atrás da nuca, *kantharos*; sob o pescoço, letras ΔΙ.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; entre as patas, as letras ΒΙ; em baixo, no exergo, a legenda ΝΕΟΠΟΛΙΤΗΣ.

Aprox. 317-310/300 a. C. (*prata I-A*)

Inédita. Inv. n. 1924.1156.1



É um dos exemplares mais bem conservados da nossa coleção. A datação é possível pelos tipos à dir., pelas duas iniciais que dizem respeito ao magistrado e à oficina, respectivamente ΔΙ(- - -) no A/ e ΒΙ(- - -) no R/, e a sua associação ao símbolo *kantharos* no A/. No que diz respeito à legenda contendo o étnico, parece visível a parte superior de um Η no final, e por isso escolho a terminação mais antiga -THS (em vez da mais recente -ΤΩΝ); esta escolha reenvia exatamente à série n. 41, registrada por CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986.

4 – Didracma

AR, mas forrada; mm. 18,5 min., 20,2 max.; gr. 5,70

A/ Cabeça feminina à esq., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita; atrás da nuca, *kantharos*; na frente do pescoço uma pequena falha na borda, onde se percebe talvez a parte superior de uma letra (Δ).

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; entre as patas, as letras BI; no exergo, a legenda ΝΕΟΠΟΛΙΤΩΝ.

Aprox. 317/310-300 ou 300/280 a.C. (*prata I-A ou I-B*), mais provavelmente o primeiro.

Inédita. Inv. n. 1924.1156.10



Esta moeda, forrada, apresenta também um peso inferior em relação às outras de prata, mas perfeitamente compatível com o peso da outra moeda forrada na ficha n. 2. A cabeça à esq. do tipo de A/ tende a colocá-la na fase B (300/280 a.C.) do período I. No entanto, o problema é que o símbolo *kantharos* associado às letras BI, datam a peça na fase A do mesmo período I (entre 317/310-300 a.C.), mais precisamente a série n. 42, também pela terminação -TWN da legenda. Assim, como o problema aqui é somente o lado da cabeça feminina, podemos pensar que esta moeda caia no chamado ‘grupo de exceção’ do período I - fase A, no qual são registradas moedas onde o tipo de A/ (cabeça feminina) está virado para a esquerda (CANTILENA 1986, p. 110). Não me parece possível um cruzamento de cunhos, porque neste caso o *kantharos* do A/ deveria aparecer com os nomes XA ou KAPI das séries nn. 44-49.

5 – Didracma

AR; mm. 21,1 min., 21,3 max.; gr. 7,27

D/ Cabeça feminina à dir., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita; atrás da nuca, estatueta carregando uma tocha, à dir.; abaixo do pescoço, a abreviatura ARTE. Não centrado.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; entre as patas, o monograma ‘tipo M’ (n. 5, CANTILENA-GIOVE-

RUBINO 1986, p. 131); no exergo, legenda ΝΕΟΠΟΛΙΤΩΝ.
Aprox. 317/310-300 a.C. (*prata I-A*)
Inédita. Inv. n. 1924.1156.7



O símbolo *estatueta com tocha* se associa ao nome APTE(- - -) do A/, ao monograma 'tipo M' e ao étnico terminado em -TWN no R/, os quais encontram um confronto preciso nos exemplares da série n. 64 individuada por CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986.

6 – Didracma

AR; mm. 17 min., 17,8 max.; gr. 6,86

A/ Cabeça feminina à dir., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita; atrás da nuca, estatueta carregando tocha, à dir.; diante do pescoço, talvez uma letra A?

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por Nike em vôo; entre as patas, um monograma do qual se vê somente a forma pouco clara, talvez do monograma 'tipo M' ou AP em nexo (nn. 5 e 3 de CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986, p. 131). A legenda não é visível.

Aprox. 317/310-300 a.C. (*prata I-A*)

Inédita. Inv. n. 1924.1156.8



Observe-se, antes de mais nada, que a moeda tem o diâmetro e o peso reduzido em relação às outras. O símbolo *estatueta com tocha* se associa somente aos nomes de APTEMI(- - -) (período I-A) e de XAPI(- - -) (período I-B); por isso, a primeira fase (A) é a mais aceitável para combinar-se com a inicial A (de APTEMI, se assim for). O R/ não fornece melhores esclarecimentos, mas poderia confirmar a datação, se for aceita a interpretação aqui proposta de um dos monogramas. No entanto, não podemos confirmar a série, somente num caso de cruzamento de cunhos.

7 – Didracma

AR; mm. 20,5 min., 20,8 max.; gr. 7,04.

A/ Cabeça feminina à dir., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita, usando longos brinços e colar; atrás da nuca, *kantharos*; sob o pescoço, talvez a parte superior das letras K□A□ ou Ε□A□.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; entre as patas, a letra K. Como não é centrada, o exergo não é visível.

Aprox. 300/280 a.C. (*prata I-B*)

Inédita. Inv. n. 1924.1156.2



Pelo símbolo do *kantharos* combinado à letra K do R/, é possível colocar este exemplar (muito bem conservado) no período I-B. Dúvida somente sobre a leitura das iniciais do magistrado (?) no A/ , sob o pescoço. Caso seja aceita a leitura KA (muito mais provável do que XA, por uma série de motivos), poder-se-ia identificar aqui a série n. 47, reconhecida por CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986.

8 – Didracma

AR; mm. 19,1 min., 19,9 max.; gr. 7,04

A/ Cabeça feminina à esq., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita; atrás da nuca, o *astragalus*.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; entre as patas do touro uma pequena incrustação escura; no exergo, a legenda um pouco desgastada ΝΕΟΠΟΛΙΤΩΝ.

Aprox. 300-280 a.C. (*prata I-B*)

Inédita. Inv. n. 1924.1156.12



A cabeça à esq. do tipo de A/, o símbolo do *astragalus*, além da ausência de iniciais no A/ e no R/, tendem a colocar este exemplar no período I-B, cf. as séries nn. 82-83 de CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986.

9 – Didracma

AR; mm. 18,1 min., 20,2 max.; gr. 7,34

A/ Cabeça feminina à dir., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita, e usando longos brincos e colar; atrás da nuca, *pileus*; na frente do pescoço, letra S.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; entre as patas, monograma 'tipo M' (n. 5, CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986, p. 131). No exergo, a legenda ΝΕΟΠΟΛΙΤΩΝ - - -.

Aprox. 300/280 a.C. (*prata I-B*)

Inédita. Inv. n. 1924.1156.4 (Fig. 9, a-b)



O símbolo *pileus* associado à letra S no A/ e ao monograma 'tipo M' no R/ (n. 5 de CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986) encontram confronto preciso nos exemplares da série n. 85 registrada por CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986, não obstante o final da nossa legenda não seja visível para dar-nos uma confirmação (seria o mais recente -TWN?).

10 – Didracma

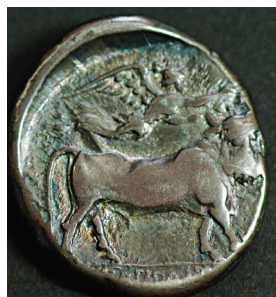
AR; mm. 19 min., 20,4 max.; gr. 7,39

A/ Cabeça feminina à dir., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita, usando longos brincos e colar; atrás da nuca, *kantharos*. Um pequeno ponto sob o pescoço, que não parece significativo.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo. Em baixo, a parte superior da legenda ΝΕΟΠΟΛΙΤ- -.

Aprox. 317/310-300 ou 300/280 a.C. (prata I-A ou I-B)

Inédita. Inv. n. 1924.1156.3 (Fig. 10, a-b)



A datação pode oscilar entre um período e outro se for baseada somente no símbolo *kantharos* no A/ (existente em várias séries de ambos os períodos), e dado que as iniciais e outros elementos

complementares são ausentes. Os tipos não são de grande ajuda, mas por serem à dir., tender-se-ia a acolher a primeira datação.

11 – Didracma

AR; mm. 18,2 min., 19 max.; gr. 7,14

A/ Cabeça feminina à dir., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita, e usando pequenos brincos. Não centrado.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por Nike em vôo. Não centrado, conseqüentemente, sem legenda.

Aprox. 317/310-300 ou 300/280 a.C. (*prata I-A ou I-B*)

Inédita. Inv. n. 1924.1156.6 (Fig. 11, a-b)



Como ambos os lados não são centrados, faltam aqui todos os elementos para uma datação mais pontual. Excluo a fase inicial 326-317 a.C. pela ausência do nome do magistrado por extenso e da legenda no A/. O tipo do A/ à dir. pode colocar este exemplar em uma das duas fases do primeiro período.

12 – Didracma

AR; mm. 19 min., 20 max.; gr. 6,72

A/ Cabeça feminina à dir., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita.

Superfície desgastada.

R/ Touro androprosopo à esq. Superfície desgastada.

Aprox. 317/310-300 ou 300/280 a.C. (*prata I-A o I-B*)

Inédita. Inv. n. 1924.1156.11 (Fig. 12, a-b)



Não existem também aqui evidências de elementos complementares para uma datação pontual, visto ainda que a superfície da peça estava originalmente desgastada. A cabeça à dir. do tipo de A/ poderia conduzir ao período I-A.

13* - Didracma

Metal dourado; mm. min. 16,1; max. 18,5; gr. 5,37.

A/ Cabeça feminina à dir., com os cabelos recolhidos no alto e presos por uma fita; atrás da nuca, o *astragalus*; abaixo, APTEM.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; entre as patas, as letras QE.

O exergo não é visível.

Possivelmente uma falsificação 'recente'.

Inédita. Inv. n. 1924.1157.1



Obviamente o 'metal dourado' com o qual a peça foi executada é o principal 'garante', entre outros, da sua não autenticidade. Além disso, não obstante o símbolo do *astragalus* e as iniciais do magistrado (?) APTEM(- - -) do A/ sejam combinadas entre 317/310-300 a.C., a inicial QE(- - -) da oficina no R/ aparece somente

combinada com as séries que apresentam o símbolo do *elmo tessálico*.

14* – Dracma

AR; mm. 17 min., 17,9 max.; gr. 3,72

Falsa?

D/ Cabeça feminina à dir. Superfície desgastada.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo. Superfície desgastada.

Inédita. Inv. n. 1924.1156.13



A ficha do MHN traz uma nota manuscrita complementar do professor T. Hackens, na época de sua visita à coleção brasileira, o qual já naquele tempo considerava esta moeda falsa (*faux*).

Bronzo

15 – AE; mm. 14,1 min., 15 max.; gr. 2,49

A/ Cabeça laureada de *Apollon* ou cabeça viril à esq., talvez com os cabelos curtos; orla perolada; apresenta uma pequena fissura na borda.

R/ Trípole; à esq., o início da legenda NEOPO; à dir., ΑΙΤΩΝ.

Aprox. 317/310-270 a.C. (*bronze II-B*)

Inédita. Inv. n. 1924.1158.10



O peso desta moeda combina perfeitamente com o que foi registrado pela TALIERCIO (1986) para o p.m. que é de gr. 2,47. Os tipos *Cabeça viril* (que nada mais é do que uma variante de Apolo)/Trípode, encontram um preciso confronto na fase B do II período do bronze – Quadro D (TALIERCIO cit.).

16 – AE; mm. 13,4 min., 15 max.; gr. 1,84

A/ Cabeça laureada de *Apollon* à esq.; orla perolada.

R/ Protome de touro androprosopo à dir., de perfil; no exergo, pouquíssimos vestígios da legenda [- -]Α□Ι□Τ□Ω□Ν□[- -]. Aprox. 317/310-270 a.C. (*bronze II-C*)



Inédita. Inv. n. 1924.1158.9

O tipo de A/ parece aquele do Apolo tipo 'A' (com penteado arcaico) descrito por TALIERCIO 1986, Quadro D, virado para a esq., cuja coroa é composta por duas fileiras de folhas de loureiro. A protome, de perfil, confirma a datação proposta. O peso do nosso

exemplar é um pouco mais baixo em relação ao p.m. que é de gr. 2,05.

17 – AE (bem clara); mm. 16,9 min., 18,3 max.; gr. 3,29

A/ Cabeça laureada de *Apollon* à esq.; atrás da nuca, letra

N.R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo;



entre as patas, sigla IS.

Aprox. 270-250 a.C. (*bronze III-A*)

Inédita. Inv. n. 1924.1158.7

Aqui aparece ainda uma vez no R/ a mesma sigla IS de séries do grupo A, período III. No A/ a letra N faz parte da sucessão que vai de B a T, com função de numeração, para distinguir as séries (TALIERCIO 1986, p. 240). O peso está em perfeita combinação com uma das séries já conhecida por TALIERCIO 1986, Quadro E.

18 – AE; mm. 18,5 min., 19 max.; gr. 5,55

A/ Cabeça laureada de *Apollon* à esq., com coroa de dupla fila de folhas; legenda desgastada, da qual se vê somente [- -]ΑΙΤΩΝ; atrás da nuca, aquilo que parece uma letra O.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; entre



as patas, IS? Não centrado.
Aprox. 270-250 a.C. (*bronzo IIIa*)
Inédita. Inv. n. 1924.1158.3

O tipo à esq. (e o seu penteado), a letra O do A/ e as iniciais IS do R/ (se assim for) estão em perfeita combinação com o sistema de controle do período III, e os tipos pertencem ao grupo A deste período (TALIERCIO 1986, pp. 238-240).

19 – AE; mm. 19,3 min., 20,2 max.; gr. 4,90

A/ Cabeça laureada de *Apollon* à esq.; legenda desgastada, da qual se vê somente NEOPO[- -]; atrás da nuca, letra O; orla perolada.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; entre



as patas, IS.
Aprox. 270-250 a.C. (*bronze III-A*)
Inédita. Inv. n. 1924.1158.4

As mesmas observações feitas para a moeda precedente são válidas aqui. No entanto, observe-se o peso do nosso exemplar, diferente dos pp. mm. encontrados para os tipos, que são de gr. 3,93 e gr. 5,43 (TALIERCIO 1986, Quadro E).

20 – AE; mm. 17,5 min., 19,2 max.; gr. 5,70

A/ Cabeça laureada de *Apollon* à esq., com coroa de dupla fila de folhas; à sua esq., na borda, a legenda NEOPOLITWN; atrás da nuca, letra P.



R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo.

Aprox. 270-250 a.C. (*bronze III-A*)

Inédita. Inv. n. 1924.1158.2 (Fig. 20, a-b)

O peso e os tipos combinam com aqueles da fase A do período III, registrada por TALIERCIO 1986 (Quadro E). A letra P do A/ se enquadra na sucessão que vai de B a T, encontrada nesta série.

21 – AE (um tanto desgastada, com pátina clara); mm. 18,1 min., 19,1 max.; gr. 4,00

A/ Cabeça laureada de *Apollon* à esq.; legenda NEOP[- -].
Orla perolada.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; entre as patas, as letras IS; abaixo, sigla KI.



Aprox. 270-250 a.C. (*bronze III-A*)

Inédita. Inv. n. 1924.1158.6

Além dos tipos, a sigla IS está compreendida em séries do período III-A, principalmente associada à outra sigla KI (TALIERCIO 1986, pp. 241).

22 – AE (um tanto escurecida); mm. 17,4 min., 19 max.; gr. 4,38

A/ Cabeça laureada de *Apollon* à esq.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo.

Aprox. 270-250 a.C. (*bronze III-A*)

Inédita. Inv. n. 1924.1158.5



O exemplar vai colocado no período III-A pelos tipos, embora não existam outros elementos complementares.

23 – AE (bem desgastada); mm. 19,1 min., 20,8 max.; gr. 4,80

A/ Cabeça laureada de *Apollon* à esq.

R/ Touro androprosopo à dir., coroado por *Nike* em vôo; orla perolada.

Aprox. 270-250 a.C. (*bronze III-A*)

Inédita. Inv. n. 1924.1158.8



Os tipos do A/ e do R/, colocam a moeda no período III-A, como as outras das quais já se falou.

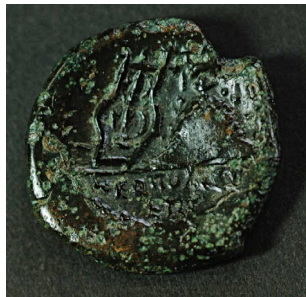
24 – AE; mm. 19,7 min., 21,1 max.; gr. 5,93

A/ Cabeça laureada de *Apollon* à esq., com coroa de dupla fila de folhas. Não centrado.

R/ *Lyra* à esq. e *omphalos* à dir.; sob o exergo, perolado, a legenda em duas linhas NEOPOLIT / EWN.

A partir de 250 a.C. (*bronze IV-A*)

Inédita. Inv. n. 1924.1158.1



Parece que se possa ver no tipo do A/, o Apolo 'B' (com penteado cacheado mais recente), o qual se associa à dupla *lyra-omphalos* do R/, e assim colocar este exemplar na fase A do período IV, cf. o quadro F de TALIERCIO 1986.

25 – AE; mm. 13,8 min., 14,5 max.; gr. 3,70

A/ Cabeça de *Artemis* à dir. R/ *Cornucopia*; à dir., provavelmente o início da legenda [NEO], não visível; à esq., se percebe o final LITWN.

A partir de 250 a.C. (*bronze IV-C*)

Inédita. Inv. n. 1924.1158.11



Os tipos *Artemis/cornucopia* se enquadram na fase C do período IV, cf. o quadro F de TALIERCIO 1986. No entanto, o seu p.m. é de gr. 2,31, bem diferente no nosso exemplar. Assim, esta questão permanece em aberto.

Sinais diacríticos empregados

[ABC]

integração de lacuna do texto

A³B³C³

letras apagadas, mas reconhecíveis graças ao contexto

A/BC

mudança de linha ou de seção

(- - -)

desenvolvimento de abreviatura

[- - -]

lacuna no texto, para a qual existem duas ou mais formas de integração

Abreviações Bibliográficas

CANTILENA 1985

R. CANTILENA, *La monetazione*, in *Neapolis* 1985, pp. 352-366.

CANTILENA-GIOVE-RUBINO 1986

R. CANTILENA-T. GIOVE-P. RUBINO, *Didrammi e frazioni d'argento*, in *La monetazione di Neapolis* 1986, pp. 101-115.

CANTILENA 1988

R. CANTILENA, *Monete della Campania antica*, Napoli 1988.

FREDERIKSEN 1986

M. FREDERIKSEN, *Napoli e i greci d'Occidente dal 450 al 350 a.C. Vecchi problemi e nuove prospettive*, in *La monetazione di Neapolis* 1986, pp. 3-22.

La monetazione di Neapolis 1986

AA.VV., *La monetazione di Neapolis nella Campania antica*, Atti del VII Convegno del Centro Internazionale di Studi Numismatici – Napoli 20-24 aprile 1980, Napoli 1986.

MARCHETTI 1986

P. MARCHETTI, *En guise d'Épigraphie Monétaire*, in *La monetazione di Neapolis* 1986, pp. 443-478.

Neapolis 1985

AA.VV., *Neapolis antica*. Napoli, 1985.

POZZI 1986

E. POZZI, *La monetazione di Neapolis nel IV e nel III secolo a.C.*, in *La monetazione di Neapolis* 1986, pp. 91-100.

RUTTER 1979

N. K. RUTTER, *Campanian coinages (475-380 B.C.)*, Edinburgh 1979.

RUTTER 1997

N. K. RUTTER, *Greek Coinages of Southern Italy and Sicily*, London 1997.

RUTTER 2001

N. K. RUTTER (*principal editor*); A. M. BURNETT-M.H. CRAWFORD-A. E. M. JOHNSTON-M. JESSOP PRICE (*editors*), *Historia Numorum. Italy*, The British Museum Press, London 2001.

STAZIO 1978

A. STAZIO, *Storia monetaria dell'Italia preromana*, in *Popoli e Civiltà dell'Italia Antica*, vol. VII (a cura di M. Pallotino), Roma 1978, pp. 113-193.

TALIERCIO 1986

M. TALIERCIO, *Il bronzo di Neapolis*, in *La monetazione di Neapolis* 1986, pp. 219-373.

ZEVI 1986

F. ZEVI, *Problemi archeologici napolitani*, in *La monetazione di Neapolis* 1986, pp. 51-65.

Primeiros passos na Numismática da Índia

Antiga e Medieval (parte 1)

P. S. Mendes

Este trabalho enfoca as peças da Índia histórica de sua origem até antes do advento da chegada do muçulmanos. Serão 3 partes: Generalidades; Maurias, pré e pós; Guptas e pós-Guptas. Junto com a última parte seguirá a bibliografia geral e a lista de procedência das imagens utilizadas.

Parte I – Generalidades

Introdução

Índia e Brasil possivelmente estão mais unidos hoje do que em qualquer outro ponto da história. São os BRICs, o G20, a tentativa de entrar no conselho de segurança da ONU e várias outras siglas que usamos para concertar a civilização das próximas décadas. Mas a Índia, o indiano são apenas figuras abstratas para o brasileiro. A Índia histórica é, quando muito, apenas resvalada em nosso programa escolar. De fato, chega a ser curioso o nosso desinteresse na vida e nas ambições de Cabral, Camões, Vasco da Gama...

Conhecemos pouco, e lidamos mal com este mínimo conhecido. Uma das primeiras imagens que recorremos para ilustrar a Índia é a do povo apinhado num cotidiano caótico e sempre pobre ou miserável. Outra é a do místico indecifrável, um ser humano esquisito que proclama as mais estranhas e inimagináveis ações religiosas (muitas, claro, sempre com um toque de charlatanismo ao olhar civilizado).



Mas, por que ocorre esta visão? A Índia é como uma ilha eclipsada por outras terras, aquelas que aspiramos como herança ocidental. O mundo grego e o meso-potâmico encobrem nosso olhar. Nossa história européia toma um rumo diferente e não quer se aventurar por onde Alexandre Magno deixou herança. Mas, se nos posicionarmos sobre a leitura do legado indo-helênico, do choque entre o nosso mundo e o mundo exótico deles, começaremos a ter uma pequena idéia de uma terra surpreendente. Uma terra que existiu e se desenvolveu a revelia do que nos norteia.

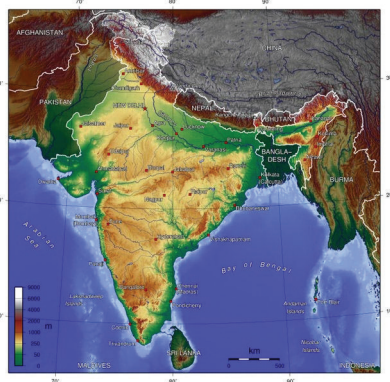


A Índia nos parece contraditória, tentar entendê-la é administrar isto.

Geografia histórica.

Quando falamos de Índia histórica, a paisagem envolvida açambarca, no mínimo, além da Índia, em si, Paquistão, Nepal, Butão, Bangladesh, Ceilão e fronteiras muito voláteis no Afeganistão, no Tibete e na Indochina.

São pontos notáveis os rios Indo e Ganges com seus arredores, a cordilheira do Himalaia, o planalto do Irã, as florestas da Bengala, a costa marítima dividindo o oceano Índico. Estas localidades são determinantes para a movimentação dos povos invasores e pelo desenvolvimento dos nativos. Mais detalhes sobre a paisagem local (como rios, montanhas etc) são facilmente encontrados em livros e atlas escolares, enciclopédias ou mesmo na internet.



Um aspecto que devemos destacar da geografia do subcontinente indiano é a sua localização. Temos nele uma ponte entre várias nações históricas. O comércio encontrara na Índia um ator importante, quer como fornecedor de matéria-prima da indústria primitiva, quer como alternativa de rota à perigosa Ásia central com

seus povos pouco diplomáticos.

Outro ponto é seu tamanho: sem entrar em números, apenas observando um globo ou um mapa mundi com correção cartográfica percebemos que facilmente uma área que vai da Polônia até Portugal, da Sicília até a Dinamarca pode caber na Índia histórica.

E, completando a seção geográfica, este local é repleto de povos; povos no plural, variados como os nativos da Europa. Comumente falando, dividimos os do sul, de origem dravidiana (antigamente chamados de indo-africanos), e no norte os indo-arianos e os tibeto-birmanos. Estas classificações se baseiam em muitos fatores lingüísticos e antropológicos. Como não seria de se estranhar, estas classificações são alvo de constantes revisões e questionamentos. O quê, de fato, apenas comprova a variedade populacional.

O resultado da presença humana neste ambiente foi a geração uma grande quantidade de grupos políticos. Coexistiram proto-repúblicas, reinos, feudos, tribos, ora em certa harmonia, ora em atitudes expansionistas. Unidade estável, talvez, somente com o recente (e malogrado) colonialismo britânico.

Resumir o ambiente indiano com um quadro de notas e estatísticas de almanaque, realçando seu imobilismo social, seus variados idiomas regionais, sua seqüência de disputas religiosas, apenas reforça uma imagem confusa e negativa.

A Índia sempre foi complexa; ordená-la, na verdade, pode ser reduzi-la.

ನಿಷಿದ್ಧ ಲಿಪಿ ಸ್ವರೂಪ ೨೭ ಪ್ರತಿಭಾತ್ಮಕತೆ

ಎಕಾಂದಲೆ, ದೇವರ ಚಿತ್ರದ ಪರಕಾರ ಸಚಿವರೂ ಎಯ
ಮನೋ ಅವನೇ ಎನಗ ಅಣ್ಣ ತಮ್ಮನೂ ಅಕ್ಕ ತಂಗಿಯೂ, ಅವ್ವ
ಯೂ ಆಗಿದ್ದನೇ ಎನ್ನಲ.

Breve Resenha Histórica

Os fatos relevantes são muitos. Aqueles que tem implicação direta com a numismática, também. Na compreensão da realidade brasileira temos o costume de linealizar o curso histórico. A Índia é poliédrica. Culturas complexas surgem quase que do nada; interagem, competem, se mutilam, somem. Muitas vezes sobram apenas os testemunhos mudos de sua arte visual.

Nos artigos seguintes (nos próximos boletins) nos detalharemos mais sobre estes vários momentos da história indiana, usando sempre a moeda como mote final. Por enquanto, para esboçarmos um resumo da região, discorreremos muito brevemente sobre cinco grandes momentos: Cultura do Indo, Árias, Mundo Helênico, Maurias e Guptas.

É bastante antiga a ocupação humana na região. Grupos de origem distinta, alguns da Eurasia, outros da África são dados como predecessores das tribos locais. São freqüentes os achados arqueológicos de diversas culturas paleolíticas.

A primeira grande cultura, a do vale do rio Indo, permaneceu obscura até o início do século XX. Com sítios localizados, sobretudo, no Paquistão, ela tem sua herança pouco entendida. Seus sinais gráficos ainda nos são estranhos. Aparentemente grandiosa, tinha um comércio regular entre suas cidades e, também, com o mundo externo. Aqui, muito timidamente, alguns poucos autores sugerem uma presença de moeda, ou pré-moeda; mesmo entre numismatas indianos, isto não é um fato relevado. Esta civilização desapareceu assim como surgiu, sem maiores registros. Ela existiu entre o terceiro e o segundo milênio antes de Cristo.



Sucedendo este primeiro povo, pelo milênio seguinte, tivemos os arianos (ou árias). Para muitos autores, vieram do centro da Ásia (e talvez antes, de algures na Europa); para novos estudos, eles poderiam ser nativos de longa data. O fato marcante deste povo é dúbia herança cultural: pobre de obras concretas, deixa marca na literatura oral sagrada (Vedas); de certa forma a organização em castas se deve aos procedimentos de como os árias controlaram sua sociedade. Aos poucos foram assimilados pelos pequenos núcleos emergentes.

Cinco séculos antes de Cristo, no oeste do sub-continente indiano, primeiramente os persas (com Dario), e depois os gregos (com Alexandre Magno) tiveram sua presença efetivada. A herança política não foi marcante, mas a artística e a comercial foi notável. Uma pequena parcela de imigrantes europeus se instalou nas áreas mercantis. As moedas passam a ser peças do cotidiano local.

Pouco depois, por volta de IV e III a.C. surgiu um primeiro império indiano, os Maurias. Apesar de sua rápida duração, a época Mauria, com ênfase no aspecto religioso (sobretudo na prática do

budismo pelos governantes) já descortina muito do mundo e do imaginário indiano. Moedas autóctones com datação litigiosa surgem aos montes. Os Maurias, propriamente falando, tiveram curta duração, e a eles se sucederam várias culturas intermediárias até o advento dos Gupta, já no começo do século IV de nossa era. O império Gupta em seus poucos séculos de duração teve desenvolvimento notável na arquitetura e nas artes visuais. Como os Maurias foi sucedido por vários reinos até finalmente uma nova ordem na Índia, no século XII, com muçulmanos.

Como já dissemos, toda esta história será repassada nos próximos textos, via moedas. A nota que pretendemos deixar é a da escassez de informações. O enredo indiano quase sempre tem como base a tradição religiosa oral. Aquela sociedade desenvolveu estudos da matemática até a política, mas, por sua visão peculiar da existência (em ciclos de reencarnação), a história crítica foi negligenciada e só teve relevância com a chegada dos muçulmanos.

A Índia é obscura. O que usar para enxergá-la?



Numismática da Índia Histórica – Algumas Características

Para termos uma idéia sobre o ambiente onde frutifica a numismática indiana antiga peguemos dois exemplos: primeiro, o império Mauria contava com mais de 600 mil soldados, e no começo da era cristã viviam na Índia possivelmente 50 milhões de pessoas, começando e trabalhando numa grande variedade de profissões (a tradição oral citam muitas, de bardo a espião, e também indica seus salários); segundo, Dario no século V a.C. cobrava da satrápia de Gandhara (Paquistão) quase 10 toneladas anuais de ouro de impostos (comparando, o Brasil no século XVIII produziu oficialmente 1000 toneladas) .

Existe grande quantidade de literatura específica sobre o assunto. Os autores vão de britânicos dos séculos XIX e XX em livros reimpressos, até recentes estudos realizados por indianos, patrocinados por entidades indianas. O inglês é o idioma corrente. Muitas das obras são sobre um determinado reino ou período, com sua metrologia, economia, simbologia etc. Consideramos conveniente estudar um pouco a história geral antes de um aprofundamento nesta literatura numismática.



É preciso ter atenção aos nomes próprios. São muitos os idiomas nativos, e muitas vezes os nomes chegam por transcrições diversas (ex.: Taxila, Taxiles, Takshasila e Takshashila; Candragupta e Chandragupta). Existe um nome em particular que merece atenção: Gupta. Temos desde estudiosos que se chamam Gupta até diversos monarcas. Chandragupta Mauria iniciou a dinastia Mauria em 320 a.C.; já Chandragupta I iniciou a dinastia Gupta em 320 d.C.

Geralmente nos catálogos de leilões (Spink, Jean Elsen etc) o material indiano se encontra disperso no mundo antigo: o indo-grego fica agregado ao mundo grego; reinos ou monarcas específicos ficam sob seu próprio nome. Peças da época de sultanatos podem ficar com outras islâmicas. É preciso procurar com alguma atenção; apesar do preço não ser proibitivo, a oferta não é vasta.

As moedas do noroeste antigo (indo-gregas, indo-citas, indo-partias e das satrápias) seguem o padrão grego de apresentação: num lado uma efígie, no outro uma cena simbólica ou conjuntos de símbolos; tudo isto rodeado por legenda muitas vezes bilingüe (grego e local).

As da época Mauria são de acabamento mais rústico, carregadas de símbolos (a suástica, por exemplo, é freqüente); suas datações são incertas e recentemente várias estão sofrendo revisões de bem mais de um século para sua origem.

As peças da época dos guptas são consideradas o ponto alto da numismática indiana, as de ouro sobretudo. Inscrições em sânscrito clássico e ênfase naquilo que os ocidentais consideram mitologia hindu deixam estas moedas com a imagem recorrente da numária indiana.



As inúmeras sociedades do sul indiano produziram peças de padrão muito variado, principalmente em sua metrologia. Em comum temos o uso de símbolos simplificados e curta (ou nenhuma) legenda nos alfabetos locais. Numa visão mais rápida e superficial, estas peças podem ser confundidas com as primeiras peças islâmicas da Índia.

Muito metal utilizado nas peças veio do comércio com o mundo ocidental. Gregos e romanos participaram da fabricação das moedas em território indiano. O processo é variado e foi evoluindo após o contato com a metalurgia persa, grega e romana. Peças tribais antigas, feitas por fundição, tem algumas de suas matrizes em terracota bem conservadas ainda hoje.



O multimetalismo era freqüente no uso cotidiano. Moedas estrangeiras circularam, sobretudo as romanas; porém, pela existência de contra-marcas que danificavam o aspecto da peça, elas deveriam valer como metal. Em vários momentos o Cauri (concha) coexistiu com moedas fabricadas; a razão de sua adoção não é clara.

Há realmente uma certa falta de constância em várias famílias de peças, entretanto não se deve ignorar suas sutilezas. Por exemplo, em peças das satrápias ocidentais o formato da sombrancelha na efígie é determinante para sua identificação; a caligrafia do brâmani conta em outras. Nas desprovidas de legendas (peças de culturas mais primitivas), pequenos detalhes propositais nos símbolos são de grande significado. Variações na legenda (contrações ou desdobramentos dos predicados dos mandatários, como nas romanas) são freqüentes nas cunhagens gupta.

Sempre presente nas escavações arqueológicas, as moedas ajudam em muito a montar o quebra-cabeça do passado indiano. A Índia é numismática.



As imagens usadas nesta primeira parte possuem apenas caráter ilustrativo e não são de referência imediata ao texto; sua listagem completa será publicada em conjunto com a última parte deste artigo. Elas foram retirada da internet, no ano de 2007 dos seguintes endereços:

www.columbia.edu

www.lasociedadgeografica.com

www.proel.org

Colecionando Ordens e Medalhas Militares do Brasil

*Ricardo Della Rosa
e Douglas Aguiar Jr*

Milhões de pessoas por todo o mundo colecionam todo tipo de objetos: caixas de fósforos, selos, bonecas, latas de cerveja, livros, obras de arte...

Sob uma ótica simplista, uma coleção é apenas um hobby, um passatempo. Na verdade colecionar é muito mais que isso. A história humana mostra que graças a pessoas que se preocuparam em guardar objetos, catalogando-os e preservando-os, é que temos conhecimento de nosso passado.

Colecionar é uma necessidade para muitos de nós e isso pode ser tão compulsivo quanto qualquer outro vício. Muitas vezes, a única cura é a aquisição de um item novo e tão almejado para a coleção, prazer que dura pouco, já que a busca é infinita e a “necessidade” de um novo item aparece quase instantaneamente. De qualquer forma, colecionar é uma atividade saudável, pois estimula a pesquisa, a organização e a interação social, levando o colecionador a abrir seus horizontes.

No nosso caso, a medalhística revela-se uma coleção extremamente prazerosa, pois todas as peças estão intimamente ligadas a eventos históricos e na maioria dos casos contam uma história de bravura ou de mérito pessoal. Se conduzido com paixão, zelo e persistência na busca por informações, o colecionismo permite que, a cada peça adquirida, um episódio histórico ou um ato de mérito pessoal saia das páginas amareladas da história e ganhe vida. Nesse ponto, o colecionador distingue-se do mero “investidor”: ele não adquire sua peça por considerá-la, apenas, um bom investimento, mas, sobretudo, por compreendê-la como um item histórico de significado ímpar – independente de lhe custar dez reais ou um milhão de dólares.

Para quem ainda não coleciona medalhas brasileiras a primeira questão a ser respondida é: “Aonde eu adquiro medalhas para a minha coleção?”

Antes de responder essa pergunta é importante dizer que adquirir peças para essa coleção não é tarefa das mais fáceis.

Diferentemente de outros países, o Brasil não tem uma tradição militar enraizada na sociedade, seja por sermos um país amante da paz que esteve envolvido em poucos conflitos armados, seja por mero preconceito ditado por alguns pseudo-historiadores a respeito de nossa história militar.

O fato é que ao contrário de outros países, não temos eventos (como feiras, congressos, encontros, etc.) voltados para o assunto e são poucos os comerciantes que lidam com esse tipo de material. A busca deve ser feita de forma metódica em antiquários e feiras de antiguidade, leilões na internet, indivíduos que desejam se desfazer de pertences familiares ou em lojas especializadas fora do País. Uma outra maneira é conhecendo outros colecionadores nos locais mencionados acima ou em fóruns de discussão na Internet.

Interessantemente, essa falta de organização acaba por revelar outro fator prazeroso, uma vez que para se ter uma coleção de medalhas brasileiras é necessário bastante esforço do interessado e a “saga” para a aquisição de cada peça, da “caçada” do colecionador por determinado item, acaba se agregando aos itens como parte de sua história.

Outro ponto também é muito importante e deve ser levado em conta pelo colecionador iniciante: o preço das peças que aparecem no mercado.

Para falarmos sobre preços é necessário dizer que, apesar do interesse em condecorações nacionais ser relativamente novo, existe um mercado de longa data para condecorações de outros países, principalmente aquelas relacionadas aos dois grandes conflitos mundiais.

É de extrema importância que o iniciante nesse hobby se informe bastante a respeito do valor médio praticado para cada peça ANTES de se aventurar a pagar o que o vendedor pede por ela. Caso contrário, o resultado pode ser desastroso para o bolso ou até mesmo pode significar o fim prematuro de uma coleção, uma vez que, em muitos casos, inescrupulosos vendedores se aproveitam da ingenuidade do comprador e chegam a pedir até dez vezes o valor médio da peça, atribuindo-lhe uma raridade inexistente.

Não existe uma tabela de preços para esse mercado (ao contrário do que acontece lá fora), porém as regras são bastante simples: quanto mais rara, mais cara. Quanto mais antiga, mais cara.

Quanto mais bem conservada, mais cara, e assim por diante. Ou seja, os fatores que determinam o preço são: (1) Raridade, (2) Antigüidade, (3) Estado de Conservação e (4) Originalidade (ou seja, a peça não ter sido restaurada ou partes originais substituídas).

Entretanto, ao contrário do que pode parecer em um primeiro momento, não se trata de um hobby reservado a poucos milionários. Trata-se de um mito – dentre muitos – a afirmação de que a medalhística é um hobby exclusivista mantido como um luxo por pessoas abastadas. Como se pretende mostrar neste site, é possível construir um acervo interessantíssimo em um curto espaço e com um investimento absolutamente adequado à maioria dos orçamentos familiares de uma pessoa normal.

Também é interessante notar que algumas condecorações nacionais históricas ainda são fabricadas hoje em dia. São as chamadas “peças de reposição”, destinadas ao condecorado que perdeu a sua original. Desnecessário dizer que essas peças, apesar de serem consideradas “originais”, tem um valor bem menor do que as entregues à época em que foram efetivamente concedidas. Cabe ao colecionador identificá-las.

Até o momento as falsificações não são motivo de preocupação para o colecionador de medalhas brasileiras, uma vez que essa praga está restrita a condecorações de outros países – o que não quer dizer que elas não possam aparecer no futuro. No entanto, se ainda somos “abençoados” com a pouca proliferação de falsificações, outras “pragas” podem ser tão destrutivas para uma coleção quanto o prejuízo financeiro ocasionado pela aquisição de uma peça falsa. No mundo da medalhística nacional entendemos que nada é pior que a procedência duvidosa dos itens.

Como foi dito no início, o colecionador acaba atuando como um personagem fundamental na preservação da história. Mas isso também envolve uma responsabilidade em relação ao método pelo qual se constrói a coleção. Esse alerta é fundamental em razão das tristes notícias que vemos na mídia, com frequência cada vez maior, envolvendo o roubo e a dilapidação dos acervos de museus públicos.

Fruto do descaso de décadas do Estado para com a cultura e da falta de preparo e verba da maioria das Associações que os mantém, os museus brasileiros têm sido constantemente tomados de assalto por pessoas inescrupulosas que furtam itens para revendê-los no mercado de antiguidades. Não pensem que esta conduta

criminosa restringe-se à gravuras de Debret ou obras de artes plásticas: isso também se estende aos acervos de itens militares, desde medalhas até uniformes.

Deste modo, o colecionador deve se assegurar que as peças que está adquirindo têm uma origem lícita, advindo de negociantes respeitados ou do espólio pertencente a famílias que estão se desfazendo de peças de seus antepassados. Na desconfiança, não compre e, se possuir provas de alguma conduta ilegal, comunique as autoridades competentes e os demais membros da comunidade de colecionadores. Isso é um apelo que se faz a todos que se julgam não apenas colecionadores, mas, acima de tudo, cidadãos honestos preocupados com as gerações futuras.

Veja abaixo algumas informações úteis sobre como lidar, preservar e conhecer mais as peças da sua coleção.



Materiais

Independente de seu valor histórico, as condecorações brasileiras foram forjadas com inúmeros materiais, desde os metais mais nobres como o ouro, a platina e a prata, até os mais comuns, como o bronze e o zinco.

Nos tempos do Império, de acordo com a vontade (e o poder financeiro) do agraciado, era possível ter uma condecoração em ouro com incrustações de diamantes e rubis, enquanto no caso de um simples e valoroso praça, a mesma medalha era feita em esmalte e metais mais convencionais.

Alguns regulamentos especificam o metal a ser usado na confecção de cada medalha, sendo que na sua grande maioria esses materiais variavam de acordo com a disponibilidade da matéria-prima no local de sua fabricação.

Casos documentados mostram comendas da mesma espécie feitas tanto em *vermeil* (prata dourada) quanto em ouro. O real valor de uma comenda reside na premiação do ato pelo qual ela foi conferida, não no metal em que ela foi forjada. Digno de nota é o fato que algumas medalhas trazem no seu verso a especificação e a pureza do metal em que foi criada. (foto)

Outro material bastante presente em comendas nacionais (principalmente nas Ordens Honoríficas) é o esmalte. O esmalte é uma substância que em seu estado líquido pode ser aplicada a uma superfície e quando solidificada dá origem a uma camada dura e brilhante. Em peças mais antigas é possível notar o esmalte em sua forma mais pura, que sob a ação da luz artificial gera belíssimos reflexos coloridos.

De uma maneira geral, com o passar dos anos a qualidade e o esmero dedicado à fabricação das peças decaíram, o que faz com que as peças mais antigas tenham uma cotação maior para os colecionadores, como dito anteriormente.

Fabricantes

Desde o Império, inúmeros fabricantes foram responsáveis pela confecção de condecorações brasileiras. Alguns ourives tradicionais da Europa fizeram os mais belos exemplares da Ordem da Rosa, enquanto fabricantes de jóias brasileiros também mostraram toda a sua arte em algumas peças que primam pela qualidade dos detalhes.

Na tradicional Rua do Ouvidor, na cidade do Rio de Janeiro, existiam inúmeros fabricantes e alguns estão no mercado até hoje. A Casa da Moeda do Brasil também fabricou inúmeras medalhas, todas com excelente acabamento e alta definição nos detalhes.

É possível identificar o fabricante de algumas peças pela marcação na caixa em que a condecoração era entregue (imagens abaixo) ou por alguma marcação na medalha ou em sua argola. Para olhos mais “afiados” também é possível determinar o fabricante pelas características predominantes na medalha.

Segue abaixo uma pequena lista de alguns fabricantes que estiveram envolvidos na confecção de condecorações brasileiras:

Da Costa – Lisboa
Lemaitre – Paris
Arthus Bertrand, Paris
Victor Resse – Rio de Janeiro
Rothe – Vienna
Aviz – Rio de Janeiro
Randal – Rio de Janeiro
H. Stern – São Paulo
La Royale – Rio De Janeiro
Condal – Rio de Janeiro
Foernges – Porto Alegre
J. Martins – Rio de Janeiro
Casa da Moeda

Conservando e organizando a sua coleção

Preciso limpar as peças?

Vamos direto ao assunto: como regra geral nunca limpe uma medalha. Preserve sua pátina e seu envelhecimento natural, pois isso é parte de sua natureza e é utilizado para autenticá-la.

Por lidar com peças antigas, que muitas vezes trazem a marca das décadas em seu corpo, freqüentemente o colecionador se vê tentado a limpar suas peças. Embora, na maioria das vezes, a intenção seja a melhor possível, os resultados quase sempre acabam por desvalorizar ou destruir uma peça histórica de modo irremediável. Isso nos leva à principal “regra de ouro” do colecionismo de medalhas:

Não mexa na peça. Não faça nada em uma medalha que poderá danificá-la a longo termo ou que não possa ser revertido ou desfeito depois de concluído ou mesmo no meio do procedimento.

Algumas pessoas adoram medalhas brilhantes ou com aquela fantástica aparência de “novas” ou “saídas da caixa”. Pois bem, mais uma lição: aprenda a amar uma pátina. Define-se “pátina” como

sendo a oxidação causada pela ação do tempo e sua gradual transformação pela ação da luz. Ao contrário do que pode se imaginar de início, essa camada acaba por adquirir qualidades protetoras sobre a peça e, em muitos casos, seu surgimento foi até mesmo previsto pelo fabricante quando da manufatura da peça.

Além disso, quase sempre, acabamentos protetores são aplicados sobre um item quando fabricado, a fim de evitar ou controlar a oxidação. Ao se limpar ou polir uma condecoração, provavelmente essa camada protetora será removida e o item começara a enferrujar de um modo imprevisível. Assim, removê-la (ou o acabamento dado a uma medalha) será, de fato, mais danoso à peça do que a maioria das pessoas pensa.

Uma superfície de metal com uma tonalidade marrom ou preta, resultado de reações químicas que surgiram espontaneamente ao longo dos anos atua, na verdade, como uma camada protetora do metal. Deixá-la onde está irá causar menos danos do que uma tentativa de retirá-la e com certeza a peça ainda estará aqui daqui a 100 anos. Além disso, a pátina trata-se de algo que não pode ser reproduzido ou recuperado e uma vez removida, não há retorno.

Se isso o irrita, então a saída talvez seja colecionar itens novos, como peças de reposição ou mesmo medalhas fabricadas atualmente. Para colecionar medalhas antigas, é preciso apreciar o que é antigo. E isso resulta na observância da “regra de ouro”.

Preservando as medalhas

Uma questão bem distinta de limpar as peças é a sua preservação. Há alguns agentes presentes no dia-a-dia que podem ser danosos às medalhas, como a poeira, luz, suor das mãos, etc., sendo importante algumas orientações sobre como proceder para manter sua preciosa coleção fora do alcance destes agentes.

Basicamente, o acondicionamento de suas peças deve se pautar pelos seguintes princípios:

- Evitar a incidência de muita luz diretamente sobre os itens. Isso tende a desbotar a tinta usada nos esmaltes e fitas;
- Na medida do possível evitar o contato com poluentes ou agentes agressivos (fuligem, poeira, umidade, removedores, ácidos, suor, etc.);

- Manusear as peças com luvas de algodão ou mesmo lenços descartáveis;
- Mantê-las em sua condição original, sem efetuar polimentos ou qualquer coisa que remova sua pátina (vide texto anterior).

Caso a peça tenha chegado à suas mãos com muita poeira, é recomendável que seja efetuada sua remoção. Contudo, não confunda isso com uma limpeza completa: apenas poeira deve ser retirada, pois permite a reação química que leva à corrosão. Nesse caso, é possível usar hastes de algodão (os “cotonetes”) embebidas em água destilada e, após a limpeza, use um secador de cabelos (“emprestado” de sua esposa, mãe, ou namorada) para eliminar qualquer vestígio de umidade. Durante este procedimento, mantenha as fitas das medalhas (se for o caso) longe do contato com a água. Uma escova macia pode ser usada, mas apenas em casos absolutamente necessários.

A mesma escova pode ser usada, junto com um aspirador de pó pequeno, para limpar as caixas que acondicionam as condecorações, mas apenas o faça após uma inspeção detalhada na caixa, a fim de observar se é possível desmontá-la sem destruir qualquer tecido ou invólucro, ou mesmo para verificar se não ocorrerá algum dano na parte externa (muitas vezes feita de cartolina prensada ou material imitando couro). Na dúvida, não faça nada.

São procedimentos relativamente simples, e sempre procure atuar com o máximo de cuidado, a fim de evitar problemas que, muitas vezes, nós mesmos criamos e que são de difícil conserto.

Organizando a coleção

À medida que a coleção vai crescendo, é inevitável que algum modo de organização seja adotado pelo colecionador, até mesmo como um meio de permitir a apreciação das medalhas pelo próprio dono e por eventuais visitantes.

O critério adotado deve ser aquele que mais agrada ao colecionador. É possível dividir as medalhas por conflito, força armada, período histórico ou qualquer outro critério. Outras peças diretamente ligadas àquele contexto podem ser adicionadas para criar realçar a coleção, tais como dragonas, insígnias, documentos, etc.

Alguns colecionadores adotam a construção de “displays” como uma alternativa de expor a coleção, montando o que chamaríamos de “quadros temáticos”. Embora possa parecer uma alternativa atraente do ponto de vista visual, essa modalidade pode ter efeitos danosos às peças expostas.

Um tipo de ocorrência infeliz é quando o colecionador solicita a um profissional para montar tais “quadros”. Nesse caso, na maioria das vezes, essa pessoa não tem conhecimento técnico quanto à preservação de medalhas e utilizam materiais ou métodos inadequados para criar o “display”. Há casos em que as medalhas ou mesmo documentos foram colados a um fundo, usando cola de silicone (!!) que longe está de ser um material inerte. Outro problema é que, ao se exibir as medalhas suspensas, cria-se uma tensão sobre as fitas por conta do próprio peso da condecoração. Quando se pensa que se trata de um frágil pedaço de tecido de uma medalha da campanha do Paraguai, por exemplo, você terá um problema nas mãos. Por fim, ao se colocar uma medalha em um quadro, é inevitável que fique exposta a uma quantidade maior de luz, o que, como vimos, é desaconselhável. Outra armadilha freqüente que esse tipo de exposição é a limitação temática que acaba impondo ao colecionador.

O método mais usado por colecionadores avançados e mesmo museus é o acondicionamento em mostruários fechados. Estes podem ser individuais (por medalhas) ou mesmo coletivos, possibilitando que mais de uma peça seja guardada no mesmo lugar. Mais uma vez, não é preciso investir uma quantia grande de dinheiro com a encomenda de um móvel no marceneiro mais caro da cidade. Mostruários e gaveteiros utilizados por lojas de jóias são excelentes alternativas e estão disponíveis a preços muito acessíveis, podendo ser modificados pelo próprio colecionador, caso assim seja necessário.

Independentemente da opção escolhida pelo colecionador, é sempre importante destacar que a exposição das peças, quando feita corretamente, não apenas protege suas medalhas, mas, também, valoriza ainda mais suas peças. O importante, reiteramos, é nunca perder de vista os cuidados com a proteção das peças e não fazer da simples exposição das peças (ou “displays”) um fim em si mesmo.

Em 2007 o Escotismo está completando 100 anos, movimento que forma cidadãos, com destacado serviço em prol da paz, conta hoje com mais de 28 milhões de jovens, crianças e adultos em 216 países. E para comemorar, Portugal lançou este ano uma moeda comemorativa de prata, valor facial 5 Euros, conforme descrição abaixo:

CENTENÁRIO DO ESCUTISMO MUNDIAL - Prata Proof

Autor: *João Calviño*

Valor Facial: 5 Euro

Metal: Prata 925/1000;

Diâmetro: 30 mm

Peso: 14 gr

Limite de Emissão: 10 000 Moedas

Embalagem: Estojo de madeira com certificado de garantia numerado.



Para entender um pouco o Movimento Escoteiro, é preciso entender um pouco a vida de seu criador: Lord Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, ou carinhosamente “BP”. Sua infância foi ao ar livre juntamente com seus quatro irmãos, excursionando e acampando pela Inglaterra. Aos 26 anos já era Capitão do Exército Inglês, combateu na Índia e África do Sul.

Voltando da África para a Inglaterra, como Major-General e herói nacional, “BP” percebeu que seu livro “Ajudas à exploração militar” estava mais popular que nunca e que era utilizado nas escolas; estava lançada a semente do Movimento Escoteiro.

Com 3 anos o movimento já tinha grandes proporções e em 1912 “BP” viajou o mundo e se pôs em contato com escoteiros de vários países; a semente do Escotismo já havia gerado uma fraternidade mundial.

O Lema e a Lei:

BP, como ótimo pedagogo, organizou o Escotismo apelando para a honra dos meninos e meninas, fascinava-os através de sua Lei. Isso é possível, pois, além da criança ou jovem fazer realmente uma promessa para si e para Deus, faz também perante seus amigos, o que torna seguir esse conjunto de regras muito mais fácil, uma vez que todos praticam.

O Lema foi criado anos antes, pelo regimento coordenado por Baden-Powell, utilizando-se de suas iniciais (B.P.) e da sua orientação de pensar sempre nos outros, chegou-se ao “Be Prepared” ou em Português: Sempre Alerta.

A Lei e seus 10 artigos escoteiros foram organizadas por “BP”, após estudar os diversos métodos de ensino da época e também baseiam-se no “Código de Cavalaria” dos medievais Cavalheiros Andantes, exaltando a honra, autodisciplina, cortesia, coragem e dedicação ao próximo.

1- O escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais que sua própria vida;

2 - O escoteiro é leal;

3 - O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação;

4 - O escoteiro é amigo de todos e irmãos dos demais escoteiros;

5 - O escoteiro é cortês;

6 - O escoteiro é bom para com os animais e as plantas;

7 - O escoteiro é obediente e disciplinado;

8 - O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades;

9 - O escoteiro é econômico e respeita o bem alheio;

10 - O escoteiro é limpo de corpo e alma.

A Flor de Liz

Além de todo o seu significado milenar, a Flor de Liz é o marco simbólico que representa o escotismo. Retirado da Rosa dos Ventos, encontrado em todo e qualquer mapa, representa sempre o Norte. É também a ponta da agulha da bússola, aponta sempre para cima, representa para o escoteiro o rumo certo a ser tomado, como diria “BP”, representa “o bom caminho”.

Além disso, o símbolo do escotismo tem uma segunda representação, que são as três partes principais do movimento e da Promessa Escoteira: Deus, pátria e o nosso próximo.

O Aperto de Mão

É dado com a mão esquerda, o dedo mindinho entreaberto representando que se está abrindo o coração. Muitas são as lendas para explicar o aperto com a mão esquerda, o mais aceito é que vem de uma tradição dos índios Ashanti que, quando encontravam um amigo confiável, largavam seus escudos, que ficavam do lado esquerdo, e apertavam-se as mãos.

A Boa Ação

Depreciada pela visão do “ajudar a velhinha a atravessar a rua”, a Boa Ação diária é um serviço ao próximo, além de demonstrar caráter, iniciativa e vigor, demonstra dedicação a uma causa maior. Podem ser tanto as pequenas boas ações, como envolver serviços à comunidade, socorro a acidentados e salvamentos.

Estudando o tema, percebe-se que a finalidade desse conjunto de regras é uma só: servir. Servir ao próximo, servir à comunidade, servir à pátria e servir a um ideal maior para toda a humanidade.

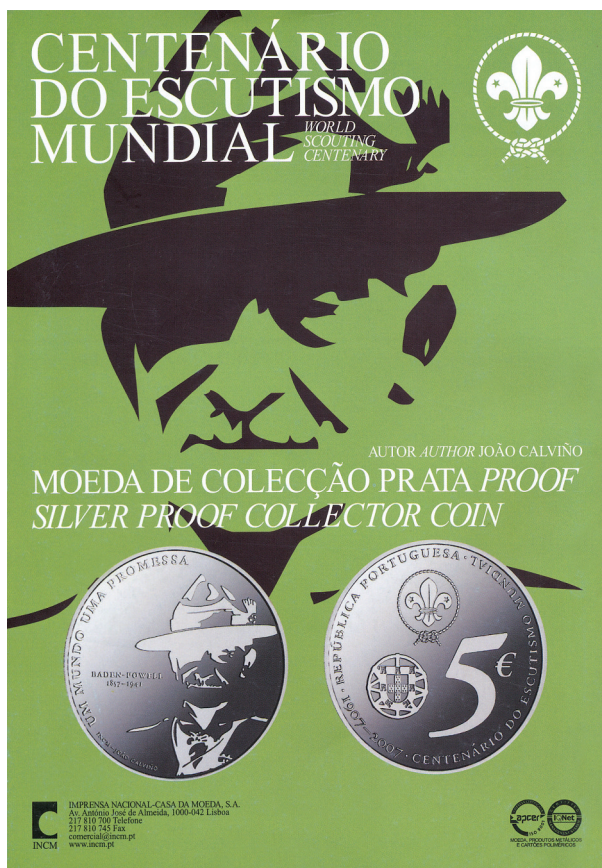
Cabe às autoridades e a todos nós entendermos que o Movimento Escoteiro não é simplesmente um esporte praticado por alguns garotos uniformizados e sim uma escola de formação ao ar livre, com um conjunto de jogos e regras práticos que desenvolvem habilidades manuais, aperfeiçoa a alma e a prática de serviços dos

futuros cidadãos. O Movimento Escoteiro engrandece o caráter, a saúde e o vigor das crianças e jovens, a destreza e o serviço ao próximo.

O escoteiro não é passivo, sendo bom, mas ativo e útil, praticando o bem.

“Da pequena bolota nasce o poderoso carvalho. A semente do Escotismo que BP semeou espalhou seu ramo por sobre o mundo todo”.

Sempre Alerta!



Como são Cunhadas as Moedas Atuais?

Jairo Luiz Corso



ocê meu amigo, colega numismata, colecionador, juntador ou apenas curioso já se perguntou como são feitas as moedas que usamos todo santo dia?

- Já?

- E qual foi a resposta?

- É com uma prensa, claro. Não poderia ser com martelo...

O tempo do martelo para bater moedas passou já faz séculos. Pelo menos isto você sabe. Você sabe também ou pelo menos imagina que atualmente sejam utilizadas prensas com capacidade para cunhar milhares de moedas por minuto. Mas você conhece “todo” o processo produtivo das atuais moedas da segunda família do real? As etapas que precedem a estampagem, prensagem ou, como convém, a cunhagem das nossas tão queridas e amadas moedinhas?

Você me responde que assim, pormenorizadamente, não sabe. Surpreender-me-ia se dissesse que sabe, já que a grande maioria dos colecionadores ignora este processo. Não acha importante.

Enganam-se. É muito importante saber os porquês e os como de cada moeda. A quantidade de peças conhecidas nos dá indícios da sua raridade, entretanto o estudo do entorno das moedas nos fornece informações sobre a qualidade das pessoas que as produz e sobre o estágio tecnológico do país.

Foi com o intuito de mostrar que uma moeda não é apenas um pedacinho de metal com alguns hieróglifos, mas um livro de história tão extenso que seriam necessários vários volumes e milhares de páginas para ser escrito que resolvi escrever este artigo. Nele, como já diz o título, veremos apenas o processo de cunhagem das moedas. Processo este que coloca o Brasil ao par com as novas tecnologias na área da cunhagem de moedas.

Como não poderia deixar de fazê-lo, vamos ler este “livro” a partir da primeira página, deixando o prólogo – o escambo – para outra oportunidade.

Foi na Lídia, atual Turquia, durante o reinado de Creso, que apareceram as primeiras moedas, pelo menos segundo a mais aceita teoria monetária conhecida. Na Lídia as moedas eram cunhadas com um malho. O cunho do anverso era gravado manualmente em um tarugo (pilha ou cunho superior). Um pedaço de metal, ouro ou electro aquecido era colocado sobre outro tarugo (troquel ou cunho inferior), que estava firmemente apoiado em um cepo. O moedeiro então desferia uma pancada na pilha transferindo o cunho para o metal. Estava pronta uma moeda. Um processo artesanal e demorado, mas que perdurou por vários séculos.

Outro processo muito usado para a produção de moedas foi a fundição. O metal derretido era escoado para dentro de moldes de areia ou barro que, depois de esfriados, eram abertos ou quebrados dando origem às moedas.

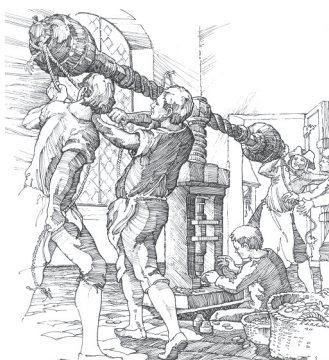
Estes processos foram melhorados com a invenção de diversos tipos de máquinas e ferramentas, tanto manuais quanto movidas por tração animal, rodas d'água, vapor e eletricidade.

Um dos fatos mais marcantes do contexto numismático foi a invenção do balancim (**fig. 1**), no século XVI, também chamado de prensa de parafuso ou rosca. Dos mais variados tamanhos, para cunhar das menores moedas até os grandes patações, aos poucos este engenho foi sendo adotado por todas as casas da moeda européias e do novo mundo. Com exceção das moedas batidas pelos holandeses no Recife, as moedas cunhadas em solo brasileiro a partir da abertura da Casa da Moeda da Bahia, em Salvador, em 1694, foram feitas com este tipo de engenho.

Pouco mais de 100 anos depois da sua introdução no Brasil o balancim via seu primeiro aperfeiçoamento significativo com a introdução da virola¹ fixa, em 1833. Em dezembro de 1855 outro grande avanço tecnológico: a máquina de cunhar movida a vapor. Uma máquina de cunhar movida a vapor e totalmente construída no Brasil foi inaugurada na Casa da Moeda do Império em 11 de fevereiro de 1860. Esta máquina foi, posteriormente, foi adaptada para trabalhar com energia elétrica.

A partir da instalação da Casa da Moeda do Brasil no distrito industrial do município de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, em 1983, esta foi provida de modernos equipamentos que, juntamente com profissionais de alto gabarito têm produzido não somente as nossas moedas e cédulas, mas também selos e outros produtos.

Figura 1 – Cena de cunhagem de moedas por meio de balancim no século XVI e XVII.



Fonte: *The Art of Coins and Their Photography*, Spink & Son Limited, Londres, 1981.

Até bem pouco tempo as moedas brasileiras, inclusive as da segunda família do real eram confeccionadas da seguinte maneira:

O processo iniciava-se pela elaboração do projeto técnico do produto com a definição do processo de fabricação e das características das moedas: diâmetro, peso, espessura, metal, tipo de acabamento e outros detalhes. Seguia-se uma pesquisa conjunta CMB/BCB, na qual eram escolhidas as imagens para cada denominação de moeda. Cada leiaute era executado em computação gráfica e enviado ao BC para aprovação.

Aprovados os leiautes dava-se início a produção do conjunto matrizeiro. O gravador fazia um molde, ampliado, em gesso ou plastilina (massa de modelar) com todos os elementos da moeda. Este molde, depois de galvanizado era reduzido em pantógrafo bidimensional gerando uma cópia positiva no exato tamanho da moeda. A partir desta cópia eram produzidos os cunhos, negativos. A mudança da data era feita através da raspagem do punção e regravação, também em pantógrafo bidimensional.

No ano de 2004, a Casa da Moeda do Brasil inaugurou com a moeda de R\$ 0,50, um novo e moderno processo de produção: a modelagem virtual tridimensional² e a produção do punção via centro de usinagem.

Pronta a moeda virtual, o computador encarrega-se, via CNC, da geração de um punção – positivo – no mesmo módulo da futura

moeda. Depois de temperado, o punção gera os cunhos necessários para as prensas. Esquemáticamente a produção de cunhos para moedas é: **Modelagem virtual** ⇒ **redução CNC (positiva)** ⇒ **transporte do cunho (negativo)** ⇒ **moeda**;

E já que as mãos estão na massa, por que não explicar a produção dos cunhos das medalhas? Estes se diferem apenas por ter uma etapa a menos. O punção gerado em CNC após a modelagem virtual – 1:1 – é a matriz cunho – negativa – e originará diretamente as medalhas. Esquemáticamente a produção de cunhos para medalhas é: **modelagem virtual** ⇒ **matriz cunho (negativa)** ⇒ **medalha**.

Os punções, cunhos e matrizes-cunho são produzidos em tarugos de aço especial próprio para a cunhagem de moedas. Estes punções são depois submetidos a tratamento térmico – têmpera. Após adquirirem a dureza necessária as imagens contidas nos tarugos são passadas a um bico-de-cunho pelo processo de esmagamento ou transporte por prensa hidráulica³ (**fig. 2**). Os cunhos também são submetidos a tratamento térmico para adquirir dureza e resistência apropriada aos golpes da prensa durante o processo de fabricação das moedas, sem sofrer deformação⁴.

Figura 2 – Bico de cunho em posição de ser esmagado sobre o tarugo.



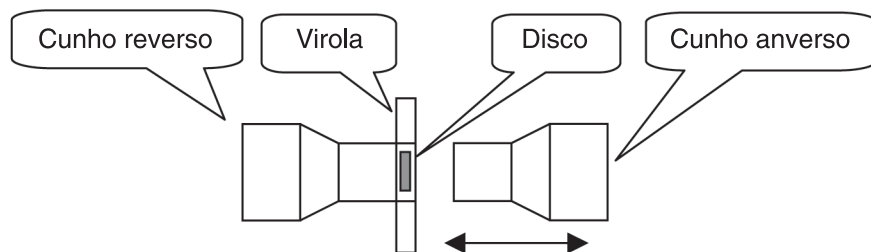
Por questão de segurança a Casa da Moeda do Brasil não divulga a força da batida das prensas de cunhagem, mas estima-se através de dados encontrados na Internet que seja entre 50 e 150 toneladas, dependendo do tipo de prensa, do tamanho da moeda e do metal empregado. Apenas um cunho movimenta-se para cunhar a moeda. O outro se movimenta para frente – prensa horizontal – apenas para que a moeda pronta caia e dê lugar a um novo disco, previamente orlado.

Todos os elementos de composição das moedas (legendas, data, valor, efígie e etc.) são executados ou inseridos durante a fase de modelagem virtual, sendo a serrilha feita com ferramentas próprias – virola (**fig. 3**) – durante o ato da cunhagem.

A inscrição na orla das moedas de cinquenta centavos é feita durante o processo de orlagem do disco, que é um procedimento anterior à cunhagem e consiste em prensar a moeda entre um disco que contém a inscrição em relevo e outra superfície lisa.

Depois de cunhadas as moedas são ensacadas e enviadas ao Banco Central. Este as distribui de acordo com as necessidades de cada região do país através das suas Delegacias Regionais ou do Banco do Brasil.

Figura 3 – Esquema do conjunto matrizeiro em posição de trabalho na prensa de cunhagem.



Parece simples, mas o processo exige pessoas altamente capacitadas e maquinário moderno. Podemos discordar ou não gostar do tema das moedas do real, mas não podemos deixar de reconhecer o talento que cada moedinha exige de todos os colaboradores da Casa da Moeda do Brasil e dos setores diretamente envolvidos no Banco Central.

Por fim, agradeço ao Sr. Flávio Ribeiro de Oliveira por ter fornecido, em nome da Casa da Moeda do Brasil, as informações que solicitei, assim como agradeço ao pessoal do Departamento do Meio Circulante – MECIR – e do Museu do Banco Central por responderem sempre prontamente às minhas solicitações.

**“OLHAR UMA MOEDA É COMO FOLHEAR
UM LIVRO DE HISTÓRIA”.**

Referências bibliográficas:

COOPER, Denis R. **The Art and Craft of Coin Making**. Londres: Spink & Son Limited, 1988.

GONÇALVES, Cleber Baptista. **Casa da Moeda do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil. 2ª edição, 1989.

HILL, George F. **Ancient Methods of Coining**. Nova Iorque: Sanford J. Durst, Rockville Centre, 1997.

HOBERMAN, Gerald. **The Art of Coins and Their Photography**. Londres: Spink & Son Limited e Lund Humphries Publishers Limited, 1981.

¹ Anel de aço com ranhuras ou outro ornato que tem a função de “segurar” a peça no momento da cunhagem, evitando a sua expansão, dando a estas um diâmetro uniforme. Nas moedas modernas a virola é a ferramenta responsável pela produção da serrilha, sendo que a sua quebra ou falta produz alguns dos tipos de variantes de cunhagem. No Brasil começou a ser usada a partir de fins de novembro de 1833.

² A modelagem virtual tridimensional é feita em computador, com softwares especialmente projetados para a produção de moedas.

³ Esse processo consiste em esmagar, em prensa hidráulica, um tarugo denominado bico-de-cunho sobre o punção, transferindo o relevo existente neste

— positivo

— para aquele.

⁴ Entre 450 e 850 golpes por minuto, dependendo do tipo de prensa utilizada e moeda a ser cunhada.

Uma Breve História de Danzig

Reynaldo Mobaid

Danzig (nome alemão de Gdańsk) era um importante porto marítimo situado ao norte da costa da Polônia, na província da Pomerânia, com saída para o Mar Báltico.



Fundada no século X esta cidade era uma importante fortificação, porto de pesca e centro do comércio de âmbar e de ofícios. Desde então, em épocas diferentes, foi controlada pelos Polacos, pelos Cavaleiros Teutônicos, Russos e Alemães (Saxônia e Prússia).



Danzig 1530 Silver Grosh VF escassa

Sob a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, Danzig foi uma das principais cidades da Liga Hanseática entre 1309 a 1454.

Pela sua localização estratégica (militar e comercial), sempre houve muitas guerras, disputas, invasões, e muitos conflitos em torno desta cidade. A partir de 1454, Danzig fica nas mãos dos Polacos.

Em 1569 foi constituída a **República das Duas Nações** que uniu o Reino da Polônia e o Grão-Ducado da Lituânia, e durou nesta forma até 1795.

A moeda corrente da República incluía o zloty e o grosz. A cidade de Danzig tinha o privilégio de cunhar sua própria moeda.

A produção de grãos era o principal produto de exportação da República. O proprietário de um latifúndio normalmente assinava um contrato com comerciantes de Danzig, que controlavam 80% do comércio interno de grãos, para transportar sua produção em direção ao norte pelo Mar Báltico.



Poland - Saxony. August III (1733-1763). Danzig. Silver 6 Groschen 1762. VF.

De Danzig, navios, na maioria dos Países Baixos e Flandres, levavam os grãos para portos como os de Antuérpia e Amsterdã. Além dos grãos, outras exportações via marítima incluíam madeira e produtos relacionados como o alcatrão e o carvão.

Através das rotas terrestres, a República exportava peles de animais, cânhamo, algodão e linho para as terras alemãs do Sacro Império Romano-Germânico, incluindo cidades como Leipzig e Nuremberg.

A República importava especiarias, artigos de luxo, roupas, peixes, cerveja e produtos industrializados como aço e ferramentas. Uns poucos barcos fluviais levavam os produtos importados para o sul a partir do porto de Danzig, como vinhos, frutas, especiarias e arenque. Em um dado momento entre os séculos XVI e XVII, o saldo da balança comercial da República passou de positivo para negativo.

Com o advento da Era dos Descobrimentos, muitas antigas rotas de comércio como a Rota do Âmbar perderam importância quando as novas foram criadas. A importância da Polônia como rota de caravanas entre a Ásia e a Europa diminuiu, enquanto foram criadas novas rotas locais de comércio entre a República e a Rússia. Mas até mesmo com as melhorias tecnológicas do transporte marítimo, a República permaneceu sendo uma ligação importante entre o Ocidente e o Oriente, pois muitos bens e artefatos culturais passavam de uma região a outra através da República. O preço das especiarias orientais na Polônia era muitas vezes mais baixo do que em portos ocidentais.

Enquanto o primeiro século da República foi uma era dourada tanto para a Polônia quanto para a Lituânia, o segundo século foi marcado por derrotas militares, um retorno à servidão para os camponeses e o crescimento do anarquismo na vida política..



*Segismundo III Vasa, rei da Suécia de 1592 a 1599 (quando foi deposto)
e rei da Polônia-Lituânia de 1587 a 1632*

A moeda acima foi cunhada durante o conturbado reinado de Segismundo III Vasa, quando se inicia a decadência da Polônia-Lituânia, consequência das diversas guerras empreendidas por este na tentativa de recuperar o trono sueco.

Pelo ano de 1795 a República das Duas Nações havia sido completamente apagada do mapa da Europa. A Prússia e a Rússia dividiram o território da Polônia e anexaram aos seus domínios.

Danzig fica então sob o controle do reinado da Prússia até 1919.

Polônia e Lituânia restabeleceram suas independências, como países separados, somente em 1918.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, e derrota da Alemanha, Danzig foi declarada cidade livre pelo **Tratado de Versalhes** (1919).

Artigo 102. “ O Aliado Principal e as Potências Associadas propõem-se a estabelecer a Cidade de Danzig, junto ao restante do território descrito no artigo 100, como Cidade Livre. Ela será colocada sobre a proteção da Liga das Nações...”

Durante este periodo como Cidade Livre é que foram cunhadas as moedas (de 1923 até 1937) da era moderna.

Esta se tornou Cidade Livre então de 1919 até 1939 com o início da Segunda Guerra Mundial.

Quando a Alemanha Nazista invadiu a Polônia, em 1939, tinha como objetivo a ocupação do corredor de Danzig .



Danzig 1932 bronze-alumínio 10 pfennig.



Danzig 1923 Prata ½ Gulden

Interessante também é citar as peças de ouro que foram feitas em 1930. Somente 4.000 destas peças foram cunhadas, mas elas não foram feitas para circulação.

Danzig 1930 ouro 25 gulden



Estas peças foram cunhadas para serem oferecidas para os oficiais e autoridades alemãs quando esta cidade fosse novamente reunificada com a Alemanha. Como ocorreria em 1 de setembro de 1939.

O reverso da moeda mostra Netuno segurando seu tridente significando sua mítica proteção para o porto de Danzig. Uma estátua desta mesma imagem de Netuno ainda existe no porto. No anverso a representação da insígnia da cidade com dois leões e a inscrição “O Estado Livre de Danzig”. Anterior a esta, em 1923, também foram feitas 1.000 peças em ouro para presentear os membros do senado.

As igrejas góticas, o Grande Moinho do século XIV, uma câmara municipal renascentista e vários museus (de História, Arqueológico, Etnográfico e de Arte Moderna) são as principais referências históricas e culturais da cidade, assim como a sua planta medieval.

Foi em Gdańsk, antiga Danzig, no Estaleiro Naval de Lenine, que nasceu em 1980 o único sindicato independente da antiga Europa de Leste socialista, o Solidariedade.



Danzig 1923 cupro-niquel 10 Pfennig

Sistema Monetário:

Até 1923: 3 schilling = 1 Groschen (grosz)
 100 pfennig = 1 mark
 Free city: 100 pfennig = 1 Gulden



Danzig 1937 20 Gulden

Referências:

Barbeiro, Heródoto
 História Geral
 São Paulo : Harper & Row do Brasil, 1984.

Standard Catalog World Coins
 Chester L. Krause – Clifford Mishler, 1993

Internet: <http://www.zum.de/whkmla/region/eceurope/xdanzig.html>

Moedas de Unidades Militares

Marco Túlio F. Baptista



há algum tempo tenho notado o aparecimento e a divulgação crescente de um novo tipo de colecionismo: a coleção de moedas de unidades militares, as quais classificamos, no Brasil, como medalhas. Estes colecionadores parecem não perceber que sua atividade, embora não registrada como tal, só pode fazer parte de uma ciência, a NUMISMÁTICA.

Estas moedas são normalmente confeccionadas por centenas de organizações militares por todo o mundo e parecem ter o objetivo de lembrar seus componentes os valores de sua profissão bem como divulgar características e aptidões especiais de cada unidade. Também são utilizadas como uma forma de presentear e selar amizade entre elementos de unidades diferentes ou de países diversos, funcionando como uma Comenda Pessoal, ou seja, aquele tipo de comenda que se pode oferecer a outra pessoa, militar ou não, em agradecimento particular, sem os cerimoniais de uma instituição militar.

Estas moedas normalmente são grandes e trazem distintivos, frases e palavras de força que elevam os brios de qualquer pessoa; tudo carregado de cores e brilhos metálicos; portanto seus conjuntos formam belíssimas coleções.

A origem da tradição destas moedas não é muito clara, mas aponta-nos para os Estados Unidos, onde se contam pelo menos três histórias que a justifica, sendo a mais aceita a que passo a descrever:

Durante a Segunda guerra mundial, voluntários de todas as partes dos Estados Unidos completaram os recém criados esquadrões aéreos. Em um desses esquadrões, um jovem tenente mandou cunhar moedas de bronze com inscrições que faziam menção ao seu esquadrão e presenteou a todos os componentes. Um jovem piloto colocou-a em uma pequena bolsa atada a um cordão, para usar como uma espécie de amuleto.

Ocorreu que este piloto foi abatido pela artilharia anti-aérea alemã e caiu atrás das linhas inimigas; sobrevivendo ao acidente, foi imediatamente capturado por uma patrulha e levado para um campo de concentração. Para desencorajar fugas, foi destituído de qualquer tipo de identificação, exceto a moeda que permanecia em seu cordão.

Aproveitando-se de um bombardeiro noturno, escapou do campo; se desvencilhou de diversas patrulhas alemãs até chegar a um grupo de franceses, que, por sua vez, o prenderam, imaginando ser um espião alemão vestido de roupas camponesas para levantar informações junto à população local sobre a ação dos *partizans*. Como não podia confirmar sua alegação de que era um piloto americano, já que não tinha suas identificações, chegou muito próximo de ser executado como traidor.

Sem outro recurso apresentou a moeda de seu esquadrão na América, a qual foi reconhecida por um dos franceses. Tal fato retardou sua execução o suficiente para que fossem levantadas as informações sobre um piloto americano abatido atrás das linhas inimigas e comprovada a sua identidade.

Retornando ao seu esquadrão, tornou-se uma tradição que cada membro levaria consigo todo o tempo a moeda da unidade. Esta tradição foi imitada por todos os outros esquadrões e, depois por todas as unidades das outras forças. O exemplo foi seguido pelas Forças Armadas de diversos países mundo a fora.

Aqui no Brasil esta tradição também existe e vários esquadrões aéreos mantêm suas moedas. Também no exército e na Marinha verificamos sua presença.

Cada dia mais, percebe-se a presença de colecionadores deste tipo de moeda, não só entre militares da ativa ou da reserva, mas também o público civil que se interessa por assuntos militares ou simplesmente pela beleza destas peças. As coleções se parecem muito com a coleção de moedas fiduciárias, guardando-se em álbuns de folhas plásticas ou vitrines, tomando-se o cuidado de classificá-las, registrando-se suas origens.

Esta prática é tão difundida nos Estados Unidos (onde são chamadas de Challenge Coins) que existe até mesmo empresas especializadas, que disponibilizam designers e outros técnicos para auxiliarem as unidades militares no planejamento e confecção de suas moedas.

Atualmente alguns colecionadores já pensam em fazer suas próprias agremiações de forma a facilitar a troca ou negociação de tais peças, mas sem a menor sombra de dúvidas já existem instituições fortes e sedimentadas que fariam saltar fases desta proposta, pois tenho plena convicção de que esta nova forma de colecionismo é a mais nova Flor da Numismática.



Moedas do Império Mughal na Índia

David Levy

 O império Mughal foi um dos maiores estados do início da era moderna. No seu apogeu, durante os primeiros anos do século XVIII, o império compreendia praticamente toda a extensão do subcontinente indiano e recolhia imposto de mais de 150 milhões de pessoas. Para se ter uma idéia do tamanho, basta dizer que na mesma época, toda a Europa, com exceção da Rússia, contava com 100 milhões de pessoas.

Este artigo tem como objetivo contar a história da criação do império Mughal em 1526, pelos seus fundadores Babur e Humayun e descrever o apogeu através dos imperadores Akbar, Jahangir, Shahjahan e Aurangzeb. O período seguinte, desde a morte de Aurangzeb em 1707 até a extinção do império em 1858 está fora do objetivo deste artigo. As moedas do império Mughal, principalmente a partir de Akbar, são caracterizadas por uma excepcional caligrafia e uma execução de altíssima qualidade – cada peça é uma verdadeira obra de arte. A cunhagem desenvolvida por eles, fundindo elementos dos sistemas timurida, persa e indiano, foi estabelecida com sucesso em todo o subcontinente indiano e durou até muito recentemente. A terminologia do sistema Mughal é usada até hoje.

O império Mughal foi o resultado de uma seqüência de mais de 900 anos de invasões e conquistas muçulmanas na Índia. Desde o século VII exércitos muçulmanos provenientes do Sistão (atual sudoeste do Irã) pela primeira vez enfrentaram forças hindu/budistas nas fronteiras ocidentais do atual Afeganistão. Vagarosamente, ao longo de séculos, estes invasores foram ganhando território e fazendo pressão sobre a fronteira militar para oeste e sul até que em 1192, na batalha de Taraori, o príncipe gorida Muhammad bin Sam derrotou o governante hindu Prithvi Raj, conquistando assim todo o norte da Índia até os portões de Delhi. Nos 300 anos seguintes praticamente toda a Índia, com exceção do extremo sul, passou para o domínio islâmico, ainda que dividida em diversos sultanatos, sendo os principais os Sultanatos de Delhi, Bengala, Gujarat, Caxemira, Jaunpur, Kalpi, Khandesh e Malwa.



Foto 1: Sultanato de Delhi, Sultão Qutb al-Din Mubarak, AV tanka, AH719 / AD1319
Anverso: nome e títulos do Sultão
Reverso: no centro, títulos (cont.), na margem, data (por extenso) e casa da moeda

A história do império Mughal¹ começa com Babur. Zahir ud-Din Muhammad Babur nasceu em Andijan, capital da província de Ferghana, no atual Uzbequistão, no dia 14 de fevereiro de 1483. Seu pai, Umar Shaikh Mirza era o 5º descendente de Amir Timur – o fundador do império timurida da idade média (Timur é mais conhecido como Tamerlão no ocidente). Pelo lado de sua mãe, Qutluq Nigar Khanim, Babur era também o 15º descendente de Gengis Khan.

Babur subiu ao poder com apenas 12 anos, porém inúmeras disputas com seus tios e com os uzbeques liderados por Muhammad Shaibani o levaram ao exílio e a perder seus domínios na Transoxania (aproximadamente o que é o Uzbequistão hoje), até que em 1504 a situação política em Kabul (Afeganistão) lhe deu uma oportunidade para dominar esta cidade e os arredores. Babur ficou baseado em Kabul durante os 20 anos seguintes, e dali liderou diversas expedições que lhe renderam a conquista de cidades como Bukhara e Samarkand (que viriam a ser perdidas posteriormente), além de Kandahar, porta de entrada para a Índia. Finalmente, em 1526, na batalha de Panipat, apenas algumas milhas ao norte de Delhi, Babur e seu exército venceram Ibrahim Lodi, o monarca afegão que dominava o Sultanato de Delhi. Os quatro anos seguintes foram dedicados a mais conquistas e consolidação do império. Em 1530, quando Babur morreu, seu império incluía territórios na Ásia Central, Kabul, Delhi, o Punjab e Bihar.

Babur foi sucedido pelo seu filho Nasir ud-Din Humayun (1530-40; 1555-56). Para ele sobrou a tarefa de defender e consolidar as conquistas de seu pai, contra ainda poderosos comandantes afegãos que se rebelavam no norte da Índia. Humayun fez um erro estratégico

¹ 'Mughal' é a palavra inglesa para 'moghol'. Já 'moghol' é uma adaptação de 'mughul', que é a palavra persa para designar 'mongol'.

ao subestimar a ameaça destes rebeldes e dedicou cinco anos em campanhas para conquistar o Gujarat, no sudoeste da Índia. Enquanto Humayun se dedicava a esta campanha, Sher Khan Sur, o mais proeminente dos líderes afegãos, consolidou seu poder e derrotou Humayun em Kanauj, assumindo em seguida o título de Sher Shah. Durante os 15 anos seguintes, Humayun e suas tropas permaneceram em exílio, obtendo refúgio junto a Tahmasp I, o Shah da Pérsia. Com auxílio do Shah, Humayun voltou em 1554 e derrotou os descendentes de Sher Shah, que haviam dividido o norte da Índia entre si. Humayun restabeleceu o império de seu pai por volta da metade de 1555, mas viveu apenas seis meses mais. Em janeiro de 1556 subiu ao trono seu filho, Akbar, de apenas 12 anos de idade.

Babur e Humayun cunharam shahrukhis (ou dirhams) de prata que seguiam os padrões dos príncipes timuridas baseado na unidade do misqal (cerca de 4.6 gramas de prata). Estas moedas foram cunhadas principalmente em Lahore, Agra, Delhi e Kabul. No anverso há invariavelmente a *Kalima* (profissão de fé dos muçulmanos: “lâ ‘ilaha ‘illâl-lâhu Muhammadur rasûlu llâhi” / “Não há outro deus além de Deus; Muhammad é o mensageiro de Deus”), cercada pelos nomes dos quatro califas com seus atributos: Abu Bakr, Omar, Usman e Ali. No reverso encontram-se o nome e títulos do imperador, a casa da moeda e a data. Estas moedas foram cunhadas em função das necessidades das campanhas militares, e são muito escassas. São extremamente mal cunhadas e exemplares com data e casa da moeda são realmente raros. Humayun cunhou pouquíssimas moedas de ouro, e ambos cunharam moedas de cobre, ainda que anônimas.

Durante o interregno de Sher Shah, este criou um novo padrão bi-metálico, com a introdução da rúpia (*rupiya*) de prata com cerca de 11.5 gramas e do *paisa* de cobre. Em seu segundo reinado, Humayun reformou o sistema monetário e adotou o padrão de Sher Shah, e a rúpia haveria de tornar-se o padrão indiano pelos próximos 400 anos.



Foto 2: Babur, AR shahrukhi, (Kabul)

Anverso: *Kalima* no centro, 4 primeiros califas ao redor

Reverso: nome e títulos do Imperador



Foto 3: Humayun, AR shahrukhi, Lahore, AH 946 / AD 1539

Anverso: Kalima no centro, 4 primeiros califas ao redor

Reverso: nome e títulos do Imperador, casa da moeda e data

Com a ascensão de Akbar, (nomeado Jallal ud-Din – Glória da Fé) a grande época do império Mughal começa. Durante os quatro primeiros anos de seu reinado, Akbar foi tutelado por um regente, Bairam Khan. Uma vez independente, em 1560, o jovem Akbar mostrou ser um dos mais formidáveis comandantes militares que o subcontinente produziu. Durante os próximos 45 anos de seu longo reinado, ele construiu um exército magnífico que derrotou e neutralizou a resistência afegã e conquistou todo o norte da Índia. Sob Akbar, o império Mughal se distanciou da ortodoxia islâmica, e desta maneira passou a contar não somente com muçulmanos para obter apoio político, mas também com a nobreza hindu. O imperador, que estava tentando construir instituições políticas viáveis numa sociedade predominantemente não muçulmana, moveu-se em direção a uma noção de comunidade política mais abrangente e flexível. Na sua visão, a profissão de fé islâmica não era condição essencial para uma participação política plena. Desta maneira, entre sua mais alta nobreza e seus mais altos escalões militares, havia não somente muçulmanos, mas também pessoas de qualquer grupo local, independentemente da sua origem ou religião. Isso foi fundamental para a construção e manutenção do império Mughal.

Akbar reformou o sistema monetário no início dos anos 1560, baseando-se no sistema criado por Sher Shah, uma vez que o padrão shahrukhi trazido por seu avô não era aceito na região. O sistema era trimetálico, com moedas de ouro (*ashrafi*, *muhr*, ou *mohur*, com 10.9 gramas de metal praticamente puro), prata (*rupiya*, rúpia, pesando 11.5 gramas e com 97.8% de prata) e cobre (*dam*, com cinco diferentes pesos, substituindo o *paisa* criado por Sher Shah). As moedas de ouro eram soberbas obras de arte e usadas principalmente pelas classes mais altas. Eram não somente uma reserva de valor, mas também um símbolo de prestígio, e mercadores e nobres se orgulhavam de possuir peças tão elegantes. Por outro lado, as moedas de prata eram o meio

comum de troca, enquanto que as moedas de cobre eram associadas com os camponeses. Havia uma taxa de câmbio entre cobre e prata (40 dams por rúpia) enquanto que o ouro era negociado de acordo com a oferta e procura pelo metal.

Tanto as moedas de ouro quanto de prata seguiam o padrão epigráfico definido por seu avô e usado por seu pai, com o anverso contendo a *Kalima* no centro cercado pelo nome dos quatro primeiros califas. O reverso continha o nome e título do imperador “Jallal ud-Din Muhammad Akbar Badshah Ghazi”², a casa da moeda e a data. Assim como declaravam sua soberania, as moedas atestavam o refinamento estético da tradição timurida, que haveria de se tornar uma das marcas do império. A caligrafia excepcional e a manufatura excelente dos cunhos revelam influência safavida (Pérsia); e bordas elaboradas e desenhos geométricos geralmente circundavam as legendas. Porém, em forma e tamanho, eram moedas definitivamente indianas. De forma pragmática, a cunhagem Mughal combinava o melhor de cada fonte. Por volta de 1595, o império contava com quatro casas da moeda cunhando ouro, 14 para moedas de prata e 44 para cobre.



Foto 4: Akbar, AV mohur, Agra, AH 980 / AD 1572-3

Anverso: *Kalima* no centro, 4 primeiros califas ao redor (fora do disco)

Reverso: nome e títulos de Akbar. Data no centro da moeda, casa da moeda na última linha



Foto 5: Akbar, AR rúpia quadrada, Fathpur, AH 988 / AD 1578

Anverso: *Kalima* no centro, 4 primeiros califas ao redor

Reverso: nome e títulos de Akbar. Data no centro da moeda, casa da moeda na última linha

² Badshah é a palavra Indiana para o título persa Padshah, que significa imperador. Ghazi é um título islâmico, que significa “matador de infiéis”.

Nur ud-Din Muhammad Jahangir subiu ao trono em 24 de outubro de 1605. Ainda que em seu reinado, que durou 22 anos, não tenha havido expansão territorial significativa, este foi um período de crescimento de poder e magnificência para o império. Mas isto não foi devido a alguma habilidade em especial do imperador, mas somente porque ele seguiu e continuou com as políticas de Akbar, sendo a mais importante a tolerância religiosa em todo o império. Ele era um homem sensível, benevolente e generoso, e foi responsável por diversas reformas menores. Com relação às artes, Jahangir foi também um grande patrono de pinturas, do qual era um grande conhecedor, e sua cunhagem é a de mais apuro artístico da Índia. O fato mais interessante do seu reinado, tanto para contemporâneos quanto para a posteridade, foi a ascendência de sua principal esposa, Nur Jahan. Ela exercia grande influência sobre o imperador, sendo sua verdadeira conselheira, e nos anos finais da vida de Jahangir ela atuava como a verdadeira soberana do império, sendo que há, inclusive, moedas cunhadas em nome de ambos.

Foi sob Jahangir que a cunhagem Mughal atingiu seu mais alto grau de excelência. Para qualquer colecionador de moedas de Jahangir, seu nome é sinônimo de beleza e complexidade, pois suas moedas eram o máximo de refinamento da Índia islâmica, e talvez mesmo as mais refinadas em todo o mundo islâmico. Seu senso estético era incrível e, além disso, Jahangir era aberto a inovações. Entre suas mais importantes inovações estava o uso de poesias ao estilo persa em suas moedas (versos duplos, ou "*couplets*"), a criação de uma série de moedas de ouro e prata (muito raras e procuradas hoje) contendo figuras do zodíaco que representavam o mês da cunhagem daquela moeda, as moedas de ouro com seu retrato (usadas como presentes) quebrando a proibição islâmica de retratar imagens humanas de forma pública, e a já mencionada série de moedas em nome de sua esposa, junto ao seu. Além destas, Jahangir cunhou a maior moeda em existência: 1000 *tolas* (1 *tola* = 11.6 gramas) em ouro, medindo 21 cm e pesando 12 kg. Durante seu reino, o número de casas da moeda era: 2 para ouro, 11 para prata, 3 para cobre e 16 para os três metais.



Foto 6: Jahangir, AR rúpia, Lahore, AH 1031 / AD 1621-2, ano 17

Anverso: Primeiro verso: "No dinheiro de Lahore que sempre haja" (e ano do reino 17)

Reverso: Segundo verso: "Luz, em nome do Shah Jahangir, filho do Shah Akbar" (e data 1031)



Foto 7: Jahangir, AR rúpia zodiacal, Leão, Ahmedabad, AH 1027 / AD 1618

Anverso: Leão, com sol no segundo plano

Reverso: Verso: "Ao dinheiro de Ahmedabad, deu ornamento Shah Jahangir,



filho do Shah Akbar" (e data 1027).

Foto 8: Jahangir, AR rúpia quadrada, Agra, AH 1023 / AD 1614, ano 8

Anverso: mês (isfandarmuz), data 1023, ano 8 e casa da moeda Agra

Reverso: "Shah Nur ud-Din Jahangir filho do Shah Akbar"

Em 14 de fevereiro de 1628, após uma disputa com seus irmãos, Shihab ud-Din Shahjahan é coroado imperador em Agra. Sob Shahjahan, o império Mughal atingiria seu apogeu em poder, riqueza e magnificência, mas também veria a quebra da política de inclusão religiosa que era uma das principais marcas do império e condição de estabilidade política. Shahjahan é também o construtor do Taj Mahal, o mausoléu em

homenagem a sua esposa Mumtaz Mahal, morta em 1631. Shahjahan dedicou muito esforço e recursos para expandir ainda mais o império. No final de seu reinado, em 1658, seu império se estendia deste o norte do Afeganistão a oeste até Assam, a leste, e desde o planalto Tibetano ao norte até o centro do planalto do Decan, ao sul.

Um dos primeiros atos de Shahjahan como imperador foi o de emitir um comunicado real ordenando que todas as moedas zodiacas e as contendo o nome de Nur Jahan não fossem mais legais e que deveriam ser recolhidas às casas de moeda do império. Ele retornou para as legendas clássicas de Babur e Humayun re-introduzindo a *Kalima* nas moedas de ouro e prata – um sinal de sua atitude mais ortodoxa com a religião. Shahjahan assumiu o título de *Sahib-e-Kiran Sani* (o segundo senhor da afortunada conjunção dos planetas, isto é, conjunção de Vênus e Júpiter. Timur, o fundador da dinastia timurida, chamava a si próprio *Sahib-e-Kiran*), que a partir daí aparece em muitas de suas moedas.



Foto 9: Shah Jahan, AV mohur, Akbarabad, AH 1047 / AD 1637, ano 11
 Anverso: Kalima no centro, 4 primeiros califas ao redor
 Reverso: no centro, "Shah Jahan Badshah Ghazi", data 1047 e ano 11.
 Nas margens, título "Sahib-e-Kiran Sani" e casa da moeda Akbarabad.



Foto 10: Shah Jahan, AR rúpia, Agra, AH 1037 / AD 1627-28, ano 1 (por extenso, ahad)
 Anverso: Kalima, data 1037 e casa da moeda Agra
 Reverso: ano ahad (=1), nome e títulos do Imperador

Após sair vitorioso de uma sangrenta luta de sucessão com seus irmãos que durou quase 10 meses, Aurangzeb é coroado imperador em 31 de julho de 1658, com o título “Alamgir” (aquele que abraça o mundo). Muhiy ud-Din Muhammad Aurangzeb Alamgir foi um homem muito religioso. Era um excelente general e tinha as qualidades de determinação e perseverança num grau elevadíssimo. O último grande monarca da dinastia Mughal tomou muito seriamente suas responsabilidades como muçulmano ortodoxo, e empreendeu um grande esforço para fazer do Islã uma força dominante no reino. Porém, foi justamente este revigoramento do Islã, que ia contra as políticas de tolerância dos seus ancestrais, um dos fatores determinantes para o declínio do império, a partir de sua morte em 1707. O outro fator que contribuiu para a perda de força do poder central foi o longo tempo que o imperador permaneceu ausente em campanhas militares. Aurangzeb passou os últimos 26 anos de seus 49 anos de reinado em campanhas militares, sendo a mais importante a tentativa de subjugar os Marathas no Decan (centro-sul da Índia).

Uma das principais características da cunhagem de Aurangzeb é o grande número de casas da moeda, que aumentaram de 41 durante o reinado de Shahjahan para 85, como consequência das guerras de expansão territorial no sul. Pelo fato de Aurangzeb não querer ter o nome de Deus sendo abusado quando uma moeda fosse usada por infiéis, ele ordenou que a *Kalima* fosse retirada da legenda. A partir deste momento, as moedas do império Mughal se tornam monótonas, com o nome e títulos do imperador no anverso e a legenda “cunhada no XXº ano de seu reino associado com prosperidade”, data e casa da moeda no reverso. Esta fórmula e o design se mantiveram por praticamente todo o resto da dinastia.



Foto 11: Aurangzeb, AV mohur, Aurangabad, AH 1084 / AD 1673, ano 16

Anverso: nome do Imperador, data 1084 e verso

(“Shah Aurangzeb Alamgir cunhou moeda no mundo como a lua cheia”)

Reverso: “cunhada em Aurangabad no 16º ano de seu reino associado com prosperidade”



Foto 12: Aurangzeb, AR rúpia, Akbarabad, AH 1103 / AD 1691, ano 36

Anverso: nome do imperador, data e verso

("Shah Aurangzeb Alamgir cunhou moeda no mundo como a lua cheia")

Reverso: "cunhada em Akbarabad no 36º ano de seu reino associado com prosperidade"

A dedicação de Aurangzeb com as guerras no Decan e sua ausência no norte entre 1689 e 1707 enfraqueceram a administração central do império. Após sua morte em 1707, a estrutura centralizada colapsou. Nos 13 anos entre este evento e a ascensão de Muhammad Shah em 1720, o império sofreu quatro terríveis guerras de sucessão. Com isso, o controle efetivo do poder central foi sendo gradativamente perdido para cada vez mais poderosas ameaças locais: os Marathas, os Jats, os Sikhs e outros. Esta situação foi agravada ainda mais com a invasão dos Persas sob Nadir Shah em 1738 (AH 1151) e pelos seus sucessores, os Durrani, nos anos subseqüentes. Em 1764 o império perdeu Bengala na batalha de Buxar, para uma combinação de forças da Companhia das Índias Orientais e de Awadh. Por volta de 1770 restava muito pouco do império Mughal, embora uma suserania teórica fosse mantida sobre estados locais (que eram de fato independentes) e fosse também reconhecida pela Companhia das Índias Orientais. Esta ficção política só seria terminada em 1858, após a supressão do motim dos Sepoys pelos britânicos e o envio do último imperador, Bahadur Shah, para o exílio em Rangoon, na Birmânia (atual Myanmar), onde morreu em 1862 e terminando assim com uma das maiores dinastias que o mundo já testemunhou.

Bibliografia:

Aman ur-Rahman - Zahir-uddin Muhammad Babur: A Numismatic Study, 2005, Karachi, Pakistan

Aman ur Rahman and Ziad, Waleed – Coinage and Monetary System, in Ziad, Zeenut – The Magnificent Mughals, Oxford University Press, Pakistan, 2002

Goron, Stan and Goenka, J.P. - The coins of the Indian sultanates; covering the area of present-day India, Pakistan and Bangladesh, 2001, New Delhi, Munshiram Manoharlal Publishers, 2005

Holt, P.M., Lambton, A.K.S., Lewis, B. – The Cambridge History of Islam, Volume 2A – The Indian sub-continent, South-East Asia, Africa and The Muslim West, Cambridge University Press, 1970-1996

Lane-Poole, Stanley - Catalogue of Indian coins in the British Museum; the Moghul Emperors, 1892, London, printed by order of the Trustees of the British Museum

Richards, John F. – The Mughal Empire – The New Cambridge History of India, Cambridge University Press, 1993-2001

Richards, John F. – The Mughal Empire, in Ziad, Zeenut – The Magnificent Mughals, Oxford University Press, Pakistan, 2002

Robinson, F. – The Mughal Emperors and the Islamic Dynasties of India, Iran and Central Asia, 1206-1925, Thames & Hudson, London, 2007



Barras de Prata e Moedas com Carimbos

Particulares Comemorativos 1949 a 1956

Idenyldo Silva

 m 1949, para poder custear em parte as despesas com a realização da 3ª exposição Filatélica e Numismática de Santos que foi denominada “SANPEX” e que fez parte dos festejos comemorativos do 1º Centenário do nascimento de Ruy Barbosa, o presidente do Clube Filatélico e Numismático de Santos, Dr. Gastão Dessart, teve idéia de mandar fundir barras de prata imitando as de ouro dos tempos coloniais, aplicando nas mesmas um carimbo comemorativo, este carimbo também foi aplicado em moedas de prata de 960 réis.

A inovação foi muito bem recebida pelos numismatas, tanto que as peças rapidamente se esgotaram pela procura que tiveram.

A idéia foi aproveitada e posteriormente se confeccionaram outras barras para comemorar diversos acontecimentos. As peças interessantes são agora disputadas pelos colecionadores, já que com elas pode-se formar uma série. Com a procura os preços se elevaram e algumas quintuplicaram de valor. Mesmo no estrangeiro são apreciadas, como podemos verificar nas antigas listas de preços e leilões da casa Schulmann de Nova York, Spink e Cia. de Londres.

É tempo, pois, de fazermos um retrospecto destes carimbos para que fiquem documentados diversos detalhes a eles referentes. Vamos descrever as peças de 1949 a 1956, que são sete, apresentando a descrição dos mesmos, as quantidades que foram cunhadas e outros detalhes interessantes para quem as coleciona.

Os desenhos foram imaginados e preparados para as peças de 1949 e 1956, pelo profº Jorge G.J.Dessart e as restantes 1954 e 1955 pelo nosso consócio Roberto A.G.P.Dessart, os cunhos foram abertos pela oficina metalúrgica do Sr. Francisco Montini em São Paulo, que também se encarregou da fundição das barras e aplicação dos carimbos nas barras e nas moedas.

Descrição dos carimbos – Todos com 20 mm de diâmetro

Nº 01:

1949- Comemorativo da 3ª exposição Filatélica e Numismática de Santos, realizada em homenagem ao 1º Centenário do nascimento de Ruy Barbosa. O certame funcionou de 5 a 12 de Novembro e denominou “SANPEX”.

Anverso: Um círculo formado por 75 pérolas, tendo no campo um símile das armas do Brasil colônia, e na parte inferior destas a palavra S-A-N-P-E-X.

Reverso: Um círculo formado por 85 pérolas comprimidas, contendo no campo uma esfera armilar e na faixa do zodíaco a palavra “SANPEX”, e na parte inferior da esfera a data: 5 a 12- XI-1949.

Nº 02:

1954- Comemorativo do IV centenário da fundação da cidade de São Paulo, do 30º aniversário da fundação da Sociedade Numismática Brasileira e do 3º aniversário da fundação do Instituto Numismático e Paleográfico de Santos, e em recordação da exposição Numismática realizada no Parque Ibirapuera.

Anverso: Um círculo formado por 80 pérolas e outro menor concêntrico, com 16 perolas unidas por traços. Entre os dois círculos, na parte superior: IV Centenário da cidade de São Paulo, e a seguir embaixo: 1554* 25-1*1954 no campo a “aspiral”, (símbolo do progresso de São Paulo). Encimada pela frase: “NON DUCOR DUCO”, e na parte inferior a direita a sigla R.D. (Roberto Dessart).

Reverso: Um círculo formado por 80 pérolas, e outro menor concêntrico com 16 pérolas unidas por traços. Entre os dois círculos na parte superior: 30º*ANIV*DA*SOC*NUMIS*BRAS*, a seguir embaixo: 3º*ANIV*DO*INST*NUMIS*E*PALEOG*DE*SANTOS*, e no campo, as armas do estado de São Paulo.

Nº 03:

1955: Comemorativo do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo, e da mostra filatélica de selos postais da época imperial, realizada sob o patrocínio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, inaugurada em 6 de janeiro e encerrada em 16 de janeiro de 1955.

Anverso: Um círculo formado por 64 pérolas, e no interior deste, concentricamente um círculo formado por traços terminados na parte inferior por uma tulipa e três pontos em cada extremidade. Entre os dois círculos, na parte inferior uma estrela, e a seguir: PATROCINADA PELO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. No campo a “aspiral” simbolizando o progresso de São Paulo, e por cima desta, em duas linhas concêntricas: S. PAULO 6 a 16 de Janeiro de 1955, sobre a estrela a sigla R.D. (Roberto Dessart).

Reverso: Um círculo formado por 64 pérolas no interior do qual concentricamente: IV CENT. DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DE S. PAULO, na mesma linha, embaixo, a data entre dois florões alongados: *1554-1954*, no campo as armas da época do Brasil império (1889), e por baixo destas, contornando-as: *MOSTRA FILATÉLICA IMPERIAL*.

Nº 04:

1955: Comemorativo do dia Cidade de Santos e da 4ª Exposição Filatélica e Numismática de Santos, denominada “Sanpex 2ª”, realizada de 26 a 31 de Janeiro de 1955 sob o patrocínio da prefeitura municipal de Santos.

Anverso: Um círculo composto por 50 pérolas, e dentro deste, concentricamente entre os dois pontos: COMEM. DO DIA DA CIDADE, a seguir entre dois traços, na parte inferior: - C-F-N-S, no campo um veleiro navegando como símbolo do porto de Santos, e por baixo deste entre dois pontos: XV ANIV DO *

Reverso: Um círculo composto de 50 perolas, no interior do qual entre dois pontos: *SANPEX II a, e na parte inferior em três linhas: 26 a 31 de janeiro de 1955, no campo um peixinho que é uma imitação do carimbo pré-postal, usado pelo correio para identificar a correspondência de Santos, a esquerda do peixe a sigla R.D (Roberto Dessart).

Nº 05:

1955: Comemorativo do 23º aniversário da revolução Constitucionalista, liderada pelo estado de São Paulo em 1932.

Anverso: Um círculo composto por 48 pérolas no interior deste e concentricamente outro círculo de 12 perolas unidas por traços. Entre os dois círculos e na parte superior, entre dois florões: SANGUE PAULISTA PARA O BEM DO BRASIL, a seguir embaixo: XXIIIº ANIV. 1932-55. No campo a cabeça de um soldado paulista, voltado á esquerda com capacete de guerra, de cada lado da efígie, um ramo de louro, sendo o da direita interrompido pela data: 9/VII. Por baixo da efígie a frase: NON DUCOR DUCO. Ao lado da data a sigla RD (Roberto Dessart).

Reverso: Um círculo composto por 48 perolas, outro círculo concêntrico e interno, formado por 21 estrelas (Correspondentes aos Estados do Brasil), e entre estes círculos, na parte superior, entre dois florões: MOVIMENTO CONSTITUCIONALISTA, e a seguir embaixo: POR UM BRASIL FORTE E UNIDO, no campo e dentro de um círculo, as armas do estado de São Paulo.

Nº06:

1955: Comemorativo do 36º Congresso Eucarístico Internacional realizado no Rio de Janeiro de 17 a 24 de Julho de 1955.

Anverso: Um círculo composto por 48 pérolas, no interior e concentricamente: XXXVI CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL, a seguir, entre dois florões: RIO DE JANEIRO, no campo o cálice do Santíssimo Sacramento, irradiado e as irradiações terminadas em forma de cruz. (simbolizando a fé).

Reverso: Um círculo composto por 48 perolas, concentricamente na parte superior e entre duas tulipas: AD*MARJOREM*DEI*GLORIAM, (Para maior gloria de Deus), a seguir e na parte inferior: TERRA S. CRUCISSUBILL VICTRIX, (terra de Santa cruz sob este signo vencedora), No campo uma grande cruz, irradiada e circundada por um círculo composto por 12 pequenas cruces, (os doze apóstolos), ligadas por traços (a união apostólica), por baixo da cruz a data: 17 JULHO 24 1955. Á direita e embaixo, a sigla RD (Roberto Dessart).

Nº 07:

1956: Comemorativo do 50º aniversário do primeiro vôo, “com o mais pesado do que o ar, realizado por Alberto Santos Dumont, em Bagatelle (França), em 23 de outubro de 1906. O ano de 1956 ficou denominando-se “ANO SANTOS DUMONT”.

Anverso: Um círculo composto por 48 perolas, encerrando um outro, composto por 14 perolas unidas por 16 triângulos isósceles, entre os dois círculos na parte superior: Mostra Numismática Comem do ano Santos Dumont, a seguir na parte inferior e entre dois florões SOC. NUMIS. BRASILEIRA. No campo, no centro, o avião de Santos Dumont, “14-bis”, sobre este em círculo: S. PAULO 6 á 21 – X-1956 e na parte inferior também em círculo: BAGATELLE 23-X-1906. No canto direito a sigla J.D (Jorge Dessart).

Reverso: Um círculo composto por 48 perolas, encerrando outro menor, composto de 14 perolas unidas por 16 traços. Entre estes círculos, na parte superior em círculo 50º ANIV. DO 1º VOÔ DE SANTOS DUMONT, a seguir na parte inferior, em círculo entre dois florões: HOMEN DO INST NUMIS E PELEOG DE SANTOS. No campo e no centro, um moderno avião “Super-Constelation”, na parte superior em círculo; “23 de outubro”, na parte inferior também em círculo: 1906-1956 a esquerda, do lado, a sigla J.D. (Jorge Dessart).

Fundição das barras de prata

As barras de prata foram fundidas, intencionalmente com pequenas diferenças de peso entre cada uma, para assim adquirirem “personalidade”. Para a fundição das 505 barras (de sete tipos diferentes), com o peso total de 49,674 quilos líquidos, foram empregadas pouco mais de 3000 moedas brasileiras e mais um complemento de prata pura, (9,987 quilos), além de 450 gramas de cobre para completar e corrigir os títulos. Como segue:

Moedas do Império

(ano e quantidade)

252 de 2\$000	<u>1851</u> 20m	<u>1852</u> 19m	<u>1853</u> 13m	<u>1855</u> 14m	<u>1856</u> 21m	<u>PESO</u>
	<u>1863</u> 20m	<u>1865</u> 18m	<u>1875</u> 15m	<u>1888</u> 62m	<u>1889</u> 50m	Total: 6,375kg
292 de 1\$000	<u>1850</u> 20m	<u>1851</u> 23m	<u>1852</u> 22m	<u>1855</u> 25m	<u>1862</u> 10m	
	<u>1865</u> 19m	<u>1866</u> 21m	<u>1869</u> 17m	<u>1876</u> 64m	<u>1888</u> 71m	Total: 3,650 kg.
64 de \$500	<u>1852</u> 12m	<u>1857</u> 17m	<u>1858</u> 11m	<u>1863</u> 6m	<u>1888</u> 18m	Total: 0,400 kg

Moedas Coloniais

36 de \$960	<u>1810R</u> 6m	<u>1814R</u> 8m	<u>1816R</u> 10m	<u>1818R</u> 12m	Total: 0,908kg
-------------	--------------------	--------------------	---------------------	---------------------	----------------

Moedas da República

18 de 1\$000	1889					Total: 0,180kg
29 de \$500	1889					Total: 0,145kg
760 de 2\$000	<u>1906</u>	<u>1907</u>	<u>1908</u>	<u>1909</u>	<u>1910</u>	
	74m	76m	65m	67m	72m	
	<u>1911</u>	<u>1912</u>	<u>1913</u>	<u>1913</u>		
	116m	80m	95m	115m		Total: 15,200kg
1.110 de 1\$000	<u>1906</u>	<u>1907</u>	<u>1908</u>	<u>1909</u>	<u>1910</u>	
	95m	104m	112m	98m	153m	

	<u>1911</u>	<u>1912</u>	<u>1913</u>	<u>1913</u>	
	166m	90m	125m	157m	Total: 11,100 kg.
460 de \$500	1906	1907	1908	1909	1910 1913
	55m	62m	70m	72m	97m 104m
					Total: 2,300 kg
					Total: 40,258 kg
Prata título 1000 em barra ou granulada					9,987kg
Cobre para correção e ajuste de título					0,450kg
					Total Bruto 50,695 kg
Deduzir perdas na fundição de rebarbas					- 1,021kg
PESO TOTAL DAS 505 Barras					49,674kg

Barras Confeccionadas

261 barras com carimbo “SANPEX” (1ª) Nº 000 e 001 a 260
 45 barras com carimbo Numismática Nº 1 a 45
 19 barras com carimbo Filatélica Nº 1 a 14 e 51 a 55
 45 barras com carimbo “SANPEX 2ª” Nº 1 a 45
 45 barras com carimbo “Revolução 932” Nº 001 a 045
 45 barras com carimbo eucarístico Nº 001 a 045
 45 barras com carimbo “SANTOS DUMONT’ Nº 1 a 45

505 barras

Moedas de Prata de \$960 réis com carimbos

Foram carimbadas 817 moedas de \$960 réis, sendo que 8 ficaram inutilizadas, por se haverem rachado sob a pressão do carimbo, como também das 300 c/c Filatélico, 14 ficaram em muito mal estado. As moedas empregadas foram as seguintes: (Datas e letras monetárias).

ERA	Letra "R"	Letra "B"	Letra Ilegiv.	Totais
1810	24	18	14	56
1811	16	10	9	35
1812	17	13	22	52
1813	23	20	24	67
1814	28	25	28	81
1815	27	25	14	66
1816	56	23	26	105
1817	35	16	20	71
1818	19	5	24	48
1819	27	7	18	52
1820	39	25	14	78
1821	15	16	27	58
1823	23	—	—	23
1824	25	—	—	25
Totais	366	211	240	817

As moedas acima receberam os seguintes carimbos:

c/c	"sanpex" (1949)	118
	"Numismática"	91
	Filatélica	300
	"Sanpex IIa"	90
	"Revolução" 932	70
	Eucarístico	70
	Santos Dumont	70
		809 moedas
Mais as rachadas		8 moedas
Total:		817 moedas

As que levaram o carimbo SANPEX (1949)

100 foram numeradas de 101 a 200 com certificado

2 foram numeradas c/ numero qualquer e letra P. sem certificado

16 não foram numerados e não tem certificado

118 total

As moedas carimbadas “SANTOS DUMONT”, foram numeradas de 1 a 70, mas não possuem certificado.

MOEDAS DE 2\$000 DO IMPERIO COM O CARIMBO “PEIXINHO” DA SANPEX (1949)

Por ocasião da exposição SANPEX, de 1949, também foi aplicado um carimbo, com o formato de um peixinho, (carimbo pré postal de Santos, usado pelo correio antes do advento selo postal), em moedas de 2\$000, réis do Império, com eras de 1888 e 1889. E isto para poder oferecer aos interessados uma lembrança de certame, por preço mais módico do que a moeda de \$960 com o carimbo escudete.

Desta forma foram carimbadas 115 peças, sendo 100 moedas numeradas de 1 a 100 e foram entregues com um certificado cada uma. Como houvesse falta, pela grande procura, foram ainda carimbadas da mesma forma, mais 15 moedas, que foram numeradas com números não seguidos e para não serem confundidos com as 100 primeiras moedas, foi colocado ao lado do numero, a letra B, ficando assim uma série “extra”, mas inconfundíveis com a primeira serie, já que esta não tem letra alguma junto ao numero. As moedas da série extra são acompanhadas de certificado, em papel verde ou branco. Como na série extra o numero de peças foi muito limitado, tornaram-se mais raras e por este motivo mais cotadas, do que as da serie normal.

MOEDAS DE COBRE E OUTRAS DIVERSAS, CARIMBADAS

Como provas ou a pedido de interessados, que desejavam obter “peças únicas”, também foram apostos os carimbos já descritos, em diversas moedas de cobre, níquel e ligas, conforme se pode verificar pelo QUADRO RESUMO DAS CUNHAGENS, que publicamos a seguir.

Também foi confeccionado de cada carimbo uma prova única em retângulo de latão, que estão na coleção Renzo Pagliari.

MOEDAS E BARRAS DE PRATA COM CARIMBOS COMEMORATIVOS

TOTAL EXATO DAS QUANTIDADES CONFECCIONADAS – 1949-1956

ERAS	Motivos dos carimbos	2\$000 Imper.	\$960	Barras	Cobres de 80 Rs	Divers. Moeda s	Totais
1949	"SANPEX 1ª "peixe"	115	+	+	+	23	140
1949	"SANPEX 1 a escudo	+	118	261	261	7	390
1954	"Numismática"	+	91	45	45	2	144
1955	"Filatélica"	+	300*	19	19	1	328
1955	"SANPEX IIa"	+	90	45	45	1	197
1955	"REVOLUÇÃO 932"	+	70	45	45	+	123
1955	"Eucarístico"	+	70	45	45	+	123
1956	"Santos Dumont"	+	70	45	45	21	147
	TOTAIS	115	809	505	92	55	1.592

As moedas "diversas" que figuram com 23+7, foram diversas moedas do Brasil carimbadas a pedido ou experiências.

Nas quantidades acima indicadas, não se compreendem as que ficaram rachadas ao serem carimbadas : (3/sanpex 2 a, 2/ numismática, 1/Eucarístico, 2/ Revolução estas peças foram fundidas para aproveitamento do metal.

As ligas para as barras foram as seguintes:

SANPEX 1949, SANPEX 1955, Numismática e Filatélica: título 0,920

Revolução 1932, título 0,917; Eucarístico, título 0,900

Santos Dumont; Título indicado 0,800 por engano, mas efetivamente 0,900.

MEDALHINHAS COMEMORATIVAS

Aproveitando os cunhos utilizados para o preparo de barras de prata e moedas de \$960, foram confeccionadas medalhinhas em diversos metais, como segue:

As indicadas com o sinal * foram numeradas de 1 a 12, formando assim 12 séries de 7 medalhas diferentes e cada série numeradas de 1 a 12.

Resumo das quantidades de peças cunhadas e respectivo valor nas épocas de cada emissão

Datas	Motivos comemorativos	Quantidades	Valor em Cr\$
1949	Sanpex	1.312 peças	115.170,00
1954	Numismática	186	41.120,00
1955	Filatélica	340	88.400,00
1955	Sanpex lia	247	44.500,00
1955	Revolução 1932	135	39.500,00
1955	Eucarístico	135	39.500,00
1956	Santos Dumont	509	78.500,00
		2864 peças	446.750,00

OUTRAS INFORMAÇÕES

Alguns colecionadores ficaram intrigados por terem aparecido maior numero de peças SANPEX de 1949, do que as quantidades que inicialmente haviam sido anunciadas. – Procuramos obter a explicação que foi a seguinte:

1ª Moedas de 2\$000, com carimbo “peixinho” foi anunciada uma emissão que seria de 100 peças, numeradas de 1 a 100. Mas por haverem sido vendidas antecipadamente maior numero, foram cunhadas mais 15 peças que foram numeradas com diversos números e estes seguidos da letra “B”, para não serem confundidos com a série anterior.

2ª Moedas de \$960, com carimbo “escudete”, foi anunciado que se carimbariam 100 peças , numeradas de 101 a 200. Mas por engano foram carimbadas 118 moedas. Para não inutiliza-la, duas foram numeradas e seguidas da letra “p”,as restantes16 foram cedidas sem numerá-las.

3ª Para as barras de prata, teve-se idéia primeiramente de se fundirem apenas 100 peças , mas a casa encarregada da fundição das barras , com prata que se lhe forneceu, entregou 266 barras. Cinco foram inutilizadas, por apresentarem mau aspecto, uma foi numerada por engano “000” , e as restantes 260 foram numeradas de 1 a 260. Quer dizer que se fundiram 11 peças a mais do que as previstas . Todas as 260 peças nº 01 a 260 foram entregues com certificado. A peça nº 000, foi entregue ao fundador do Clube Filatélico e Numismático de Santos, José Leandro de Barros Pimentel.

Cédula “Fora de Série” com Carta “Fora de Série”

Cláudio Amato

Num desses dias onde não acontece nada e as horas demoram para passar, se aproxima de mim um sujeito com a célebre frase:

- O Senhor compra notas antigas?

Meio ressabiado pelas diversas vezes em que tive que desinfetar as mãos depois de verificar os lotes de “raridades” que me são oferecidas a toda a hora, digo que sim e o sujeito tira de dentro de um livro uma cédula de 10000 réis da 9ª. estampa absolutamente FE. O exemplar oferecido tinha numero 000.000, série 0ª. e estampa 0ª, mas não tinha a inscrição “MODELO” ou “SPECIMEN”, nem os furos que costumam aparecer nessas cédulas, como pode ser verificado na imagem à seguir:



Como se sabe, as cédulas produzidas na França são difíceis de serem encontradas. Poucas vezes aparecem as de 20000 réis, raramente aparecem as de 5000 réis, mas as de 10000 réis vistas por mim nesses mais de 40 anos de colecionismo, podem ser contadas nos dedos de uma só mão.

Faço minha proposta e escuto do sujeito vendedor que terá que consultar os filhos, pois a cédula em questão pertenceu ao seu avô, etc... Olhei mais uma vez para a cédula, pensando que seria a última, mas para minha surpresa, alguns dias depois, recebo um telefonema dizendo que os filhos aceitaram e que o negocio poderia ser concretizado.

Quando da conclusão do negócio, me permito fazer algumas perguntas ao vendedor, para compreender a razão dessa cédula não possuir numero, série ou estampa e para minha surpresa, ele tira do bolso uma carta, que encontrou junto com a cédula, escrita de próprio punho pelo Sr. Leopoldo Bulhões, Ministro da Fazenda, que depois de fazer um breve relato do movimento financeiro do governo naqueles dias, concluía com a seguinte frase, que pode ser observada na imagem a seguir:

CABINETE
 do
 MINISTRO DA FAZENDA
 Rio, 4 de Agosto de 1903
 Sr. ant. do Sr. Rodrigues Al-
 ves
 Acaba de sair o Neg.
 o Marechal Appello. Ocren-
 ditos de 600 e 100 centos

Junto um exemplar das
 notas francezas encomenda-
 das ao Banco da França. Se-
 rão melhores do que as americanas?
 L. de Bulhões
 a um amigo e outro
 P. de Bulhões

“Junto um exemplar das notas francezas encomendadas ao Banco da França. Serão melhores do que as americanas?”.

A coisa estava tomando sentido. A carta datada de 4 de agosto de 1903 era endereçada ao Sr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, paulista da cidade de Guaratinguetá que foi presidente do Brasil entre 1902 e 1906 e cujo retrato está nas cédulas de 5000 réis da 16^{a.}, 17^{a.} e 18^{a.} estampa.

Ah! Já ia me esquecendo de mencionar o nome do vendedor: Francisco de Paula Rodrigues Alves Neto.

Estava tudo explicado!!!